



Durante a Conferência de Imprensa realizada ontem, no Centro Vitória. Da esquerda para a direita, os camaradas João Amaral, mandatário da candidatura do PCP; Jorge Araújo, do Secretariado do CC; Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP; Carlos Brito, da Comissão Política do CC e candidato do PCP às eleições presidenciais; Aurélio Santos, do CC; e José Casanova, suplente da Comissão Política do CC

## Divulgada em Conferência de Imprensa a Declaração de candidatura do camarada Carlos Brito

Pág. 3



### Entrevista:

«Nenhuma força política portuguesa arranca para esta batalha eleitoral com a unidade, a clara consciência da situação e dos perigos, a visão lúcida e objectiva das possibilidades reais de derrotar a reacção e defender a democracia, o empenhamento, a determinação e a confiança que resultaram da análise colectiva efectuada em todas as organizações e que são um cunho permanente dos comunistas e do seu Partido.»

Páginas centrais

*Na sequência  
da Conferência  
Nacional  
as organizações  
do Partido  
preparam  
activamente  
a campanha  
eleitoral*

Pág. 12



Voluntários na Praça Vermelha, em Moscovo, em 1917

*A Revolução  
de Outubro  
foi há 63 anos*

Pág. 10

*17 depoimentos  
que dão o perfil  
do campo  
de concentração  
de S. Nicolau*

Pág. 8

Editorial

DUAS OPÇÕES FUNDAMENTAIS

Os acontecimentos últimos da pré-campanha eleitoral para a Presidência da República confirmam a importância e a complexidade política das eleições presidenciais de Dezembro.

A apresentação de um candidato próprio pelo PCP é o elemento mais significativo dessa importância e complexidade.

O Povo português está hoje numa encruzilhada e dois caminhos se abrem na sua frente:

- ou derrota o candidato da coligação reaccionária que detém o Governo e a maioria parlamentar e cria as condições políticas prévias para entrar primeiro e inverter depois o processo de liquidação do 25 de Abril pela extrema-direita;
- ou não tem forças suficientes para impedir a eleição do principal candidato da reacção, o general de S. Nicolau e do 24 de Abril, e destrói a última barreira institucional (Presidência da República), que impede no momento actual o domínio absoluto do poder político pelas forças mais retrógradas da sociedade portuguesa.

O general Soares Carneiro foi imposto pela extrema-direita, que, por enquanto, se disseminou pelos partidos da Aliança reaccionária, e conseguiu novamente maioria na Assembleia da República nas eleições legislativas de Outubro, e que constituiu uma espécie de antecâmara onde se incubia o partido único que se projecta fazer renascer das cinzas ainda quentes do passado. Fazê-lo eleger é o móbil visível de todo o afã da reacção no momento actual.

A extrema-direita está cada vez mais alarmada pela falta de prestígio, de apoio popular e de personalidade política do seu candidato. Neste momento toda a máquina de propaganda da Aliança reaccionária se atira afanosamente à tarefa de «branquear» o passado sombrio do seu general, de lhe maquiá-lo a imagem fascizante, de lhe emprestar uma roupagem pseudodemocrática. O espectro da derrota enche de temor a reacção.

O campo de morte de S. Nicolau, nas terras escaldantes do deserto de Moçâmedes, para onde o antigo secretário-geral do domínio colonial de Angola e actual candidato da Aliança reaccionária atrava patriotas angolanos, aparece agora na prosa dos escritos da reacção como um bucólico campo de trabalho onde os prisioneiros até andavam em liberdade, onde cultivavam idilicamente a terra sob o olhar paternal dos carcereiros, onde, enfim, passavam uma boa vida (!!!)

A folha fascizante «Correio da Manhã» publica mesmo uma página inteira a «dourar» os negrures do campo de concentração de S. Nicolau em atenção ao general candidato da Aliança reaccionária.

E entretanto, a Comissão de Inquérito nomeada em fins de 1974 para apuramento das atrocidades do campo de S. Nicolau chegou a conclusões que são um formal desmen-

tido aos escritos da direita, alguns deles comprometidos directamente na atroz repressão dos patriotas angolanos.

Bárbaros castigos eram impostos aos prisioneiros de S. Nicolau - quer aos políticos quer aos de delito comum (é conhecido que para os fascistas não havia prisioneiros políticos, o estatuto de «crime» era igualmente aplicado aos opositores do regime fascista nos cárceres políticos do continente).

Em S. Nicolau os prisioneiros eram detidos meses inteiros na chamada «geladeira» donde muitos saíam para a morte, alguns foram crucificados, um regime bárbaro de trabalhos forçados dizimava a população prisional.

Que as forças reaccionárias se sintam agora na necessidade de pintar de cores rosadas o sinistro campo de S. Nicolau para «branquear» o seu candidato não deixa de ser significativo.

Que a Aliança reaccionária e os seus escritos se empenhem em «fardar» de democrata o seu general candidato Soares Carneiro é compreensível - que democratas, e democratas de responsabilidade, emprestem a sua «tinta» para uma tal camuflagem é já uma coisa inteiramente incompreensível e em absoluto condenável.

O bate-papo de quinta-feira à noite do dr. Mário Soares nos «ecrans» da TV é um episódio deprimente, impróprio de alguém responsável da democracia portuguesa, é um serviço prestado à reacção no seu interesse empenhamento pelo domínio absoluto do poder político.

O dr. Mário Soares não só ilude como nega os perigos reais do fascismo na hora actual e isto é um facto alarmante para todos os democratas portugueses, para todos os que no passado deram o melhor de si próprios na luta contra o fascismo.

O dr. Mário Soares não diz abertamente que o general candidato da Aliança reaccionária é um democrata mas induz claramente nessa direcção, procura incutir nos democratas portugueses uma anuência simpática ao «fornecedor» de S. Nicolau.

Que o secretário-geral do PS semeie a cizânia no seu partido, que nele introduza os germes da divisão que o reduza a uma força invertibrada e de terceira ordem no contexto das forças políticas portuguesas é um problema interno dos socialistas, que eles têm pela frente e eles próprios têm de resolver.

Mas uma parte - a principal - da insólita atitude do dr. Mário Soares transcende o PS, interessa a todos os democratas seus compatriotas, afecta nos seus fundamentos a própria democracia portuguesa.

O dr. Mário Soares deu um contributo inestimável aos projectos de domínio absoluto da reacção em Portugal.

Muitos democratas portugueses fazem a si próprios e uns aos outros esta pertinente interrogação:

- O que estará por detrás da insólita atitude do dr. Mário Soares?

Seria uma meada que interessaria desembaraçar e seguramente traria interessantes revelações. Um trabalho para os futuros cronistas dos acontecimentos actual...

De momento, porém, o que mais importa é verificar a natureza do serviço prestado ao general candidato da Aliança reaccionária pelos disfarçados elogios que lhe faz o secretário-geral do PS e à reacção no seu conjunto pela posição de aberta hostilidade que manifesta ao candidato em melhor situação para bater aquele nas eleições presidenciais de Dezembro - o actual Presidente da República, general Ramalho Eanes.

A questão do regime e defesa da Constituição tomou-se no momento histórico que vivemos uma questão essencial.

A nossa lei fundamental que dá a mais lídima expressão à jovem democracia nascida com o 25 de Abril, é por isso mesmo um alvo preferencial das forças mais visceralmente reaccionárias da sociedade portuguesa actual.

Contra ela investem não somente Sá Carneiro e o general candidato da Aliança reaccionária como toda a reacção. É sintomático que certos expoentes dos mais reaccionários da Igreja católica, como o senhor bispo de Bragança, tenham vindo também agora centrar as suas flechas contra a Lei fundamental da democracia portuguesa.

O senhor D. António José Rafael com o seu inqualificável sectarismo político, a sua desarrazoada ingerência nas questões temporais e o seu extremo reaccionarismo, ofendeu gravemente a consciência de muitos milhares de católicos democratas, que estão com o 25 de Abril, mostrou-se em dissonância mesmo com vários outros altos dignitários da Igreja que não perfilham tais postulados.

O senhor bispo de Bragança com as suas diatribes contra a Constituição mostrou uma lamentável impaciência relativamente a objectivos inconfessáveis imediatos, demonstrou ter vistas curtas quanto à inserção da Igreja num mundo que se liberta historicamente de todas as peias reaccionárias e cavou desnecessariamente entre si e uma massa considerável de católicos um fosso intransponível.

É inegável que há um traço comum entre as vistas reaccionárias do bispo de Bragança e as declarações do dr. Mário Soares hostis ao candidato Ramalho Eanes.

Na conjuntura actual, como se concluiu da Conferência Nacional do PCP, a candidatura do general Ramalho Eanes é a que mais condições reúne para bater a candidatura do general candidato da Aliança reaccionária.

Este é um dado objectivo que se impõe a todos os democratas e antifascistas portugueses.

Sem dúvida que o grande capital português e estrangeiro, o imperialismo, a NATO, jogam em várias alterna-

tivas para submeter Portugal aos seus interesses económicos e estratégicos.

A eleição do candidato general de S. Nicolau não representaria apenas o último surto na ofensiva para o domínio absoluto do poder político pela reacção, mas um passo essencial para a recriação de um novo Estado-policia virado para o esmagamento dos direitos e liberdades dos trabalhadores e da imensa maioria do povo em benefício da oligarquia financeira.

O general Ramalho Eanes revelou no seu mandato como Presidente da República facetas contraditórias que suscitaram e suscitam reservas da parte dos democratas mais consequentes. Na Conferência Nacional do PCP, realizada a 28 de Outubro, foram feitas sérias críticas a aspectos negativos da sua actuação.

Mas apesar de tais elementos contraditórios e aspectos negativos, o actual Presidente teve um papel positivo nos quatro anos e meio do seu mandato, na defesa do regime democrático e da Constituição.

Na hora actual nenhum outro candidato tem as condições do general Eanes para derrotar o candidato da Aliança reaccionária e para entrar na conquista absoluta do poder político pela reacção mais sinistra.

Esta realidade não pode deixar de estar presente no espírito de todos os democratas e patriotas que na hora própria terão de optar pela vitória ou pela derrota da democracia em Portugal.

A apresentação da candidatura do camarada Carlos Brito por iniciativa do PCP obedece a exigências fundamentais de esclarecer e mobilizar os democratas portugueses e todo o povo trabalhador para a importantíssima batalha política das eleições presidenciais.

A candidatura de Carlos Brito, um comunista com um longo passado de luta e de sacrifícios ao serviço do seu Povo, tem por objectivo alertar para os perigos do fascismo no momento actual, desmascarar os caminhos da conspiração contra o regime democrático, definir com clareza a verdadeira ameaça personalizada no general candidato da Aliança reaccionária, combater o divisionismo das candidaturas pseudo-revolucionárias de Otelio e Aires Rodrigues e outras manobras divisionistas que objectivamente servem os intentos da reacção, combater a abstenção democrática nas eleições presidenciais que seria na conjuntura actual um verdadeiro bônus para a eleição do candidato reaccionário.

À volta da candidatura de Carlos Brito todos os comunistas, todo o Partido deve mobilizar-se para esses objectivos.

O grande Partido de massas que é o PCP lançar-se-á na campanha das eleições presidenciais como a grande força combativa ao serviço da classe operária e das camadas populares mais extensas, a força que mostrou ser durante a longa noite facista e nos anos difíceis, depois de 1974, na defesa do Portugal de Abril a mais consequente e firme.

Materiais de estudo editados por Avante!

Discursos de Álvaro Cunhal

A série de Discursos de Álvaro Cunhal, publicada pelas Edições «Avante!», constitui uma valiosíssima e muito completa colectânea de intervenções públicas do secretário-geral do PCP. Nos 12 volumes já publicados (que, com os dois abaixo referidos, em breve à venda, somam cerca de 4000 páginas), o leitor encontrará não apenas discursos que clarificam os momentos decisivos do processo revolucionário português, mas também uma ampla e completa panorâmica da vida política nacional desde o 25 de Abril. Os Discursos de Álvaro Cunhal são assim valiosa obra de referência, de reflexão e de estudo.



edições Avante!



À venda no próximo mês

Os chamados governos de iniciativa presidencial

Como este título, estarão à venda no próximo mês os volumes XIII e XIV dos Discursos de Álvaro Cunhal. Estes dois volumes incluem os discursos proferidos entre Julho de 1978 e Outubro de 1979 (governos Nobre da Costa e Mota Pinto).

QUADRO CRONOLÓGICO DOS DISCURSOS DE ÁLVARO CUNHAL

Table with 2 columns: Volume and Date. Volume I: Abril/Junho de 1974; Volume II: Agosto/Dezembro de 1974; Volume III: Dezembro de 1974/Março de 1975; Volume IV: Abril de 1975; Volume V: Maio/Novembro de 1975; Volume VI: Dezembro de 1975/Maio de 1976; Volume VII: Março/Abril de 1976; Volume VIII: Sessões de esclarecimento nas eleições presidenciais de 1976; Volume IX: Maio/Setembro de 1976; Volume X: Novembro de 1976/Agosto de 1977; Volume XI: Setembro de 1977/Janeiro de 1978; Volume XII: Fevereiro/Julho de 1978; Volume XIII: Julho de 1978/Fevereiro de 1979; Volume XIV: Fevereiro/Outubro de 1979.

A greve dos jornalistas

A intransigência patronal e governamental face às reivindicações salariais e profissionais dos jornalistas portugueses, fado a lado com a descabelada e cada vez mais violenta ofensiva do governo «AD» contra a independência e isenção dos órgãos de comunicação social estatizados conduziu uma vez mais os jornalistas portugueses ao recurso à greve: durante quatro dias, com o apoio activo de outros sindicatos ligados à produção da Comunicação Social, os profissionais da Informação vão paralisar.

Trata-se de uma luta justa. Os jornalistas comunistas apoiaram a declaração de greve. Ao longo dos últimos meses, coerentemente com uma firme posição sempre de defesa das liberdades e dos direitos dos trabalhadores, o PCP tem denunciado a ofensiva reaccionária que visa assegurar o total controlo da comunicação social estatizada pela direita, tem manifestado o seu apoio à luta dos profissionais da imprensa, rádio e TV na defesa da liberdade de expressão, da dignificação profissional, do respeito pelas normas constitucionais.

Contudo, é indispensável não esquecer as vastas implicações que inevitavelmente assumem os problemas relacionados com os meios de comunicação. O País vive presentemente um período complexo e grave, um período em que se travam batalhas essenciais para a defesa da democracia: os profissionais da Informação estão vitalmente interessados na defesa da democracia e a defesa da democracia necessita vitalmente da activa e consciente participação dos profissionais da informação.

Mas não se pode esquecer que os quatro dias de greve a que maciçamente aderiram os jornalistas se constituem em si uma importante jornada de luta contra a ofensiva antidemocrática da direita neste sector, têm por outro lado outro tipo de consequências que objectivamente não favorecem o conjunto da luta pela defesa de Abril no momento presente.

Na verdade, durante os quatro dias de greve, a reacção pode recorrer nos mais importantes órgãos de comunicação social de massas (a RDP e a RTP), a «amarelos» que colocou já em lugares-chaves, mantendo assim a informação nesses meios que domina; a imprensa reaccionária não deixará, por outro lado, de tudo fazer para surgir durante este período. O povo português ficará assim, durante quatro dias, confinado a receber informação proveniente de meios que a direita domina e manipula; as forças democráticas ficarão privadas de levar às massas a sua voz, a direita ficará com o campo livre e em exclusivo para mentir, insinuar, confundir, caluniar.

No presente momento político, é uma situação que não favorece os democratas e abre possibilidades à reacção. Cabe inclusivamente perguntar se um dos objectivos da intransigência patronal não visa exactamente perturbar um sector-chave na batalha política que se trava. A correcta iniciativa dos jornalistas de publicarem na próxima quinta-feira um jornal de greve corresponde a uma preocupação justa, mas não pode, naturalmente, colmatar o vazio criado.

Trata-se sem dúvida de uma situação complexa, em que as soluções têm de ser rigorosamente medidas.

Essas soluções têm que ser encontradas no quadro dos interesses mais vastos e profundos da luta do povo português, da defesa da liberdade e da democracia, deverão ser encontrados de forma a não criar condições que possam objectivamente favorecer o trabalho de manipulação e mistificação das forças reaccionárias e impedir a necessária expressão e divulgação da voz e da acção das forças democráticas. Forças cuja luta é essencial - também - à defesa da liberdade de expressão e de imprensa, à dignificação e valorização dos profissionais da informação.



Para estudar os resultados eleitorais é fundamental ter um livro com tudo sobre as eleições anteriores

ELEIÇÕES PARA O PORTUGAL DE ABRIL

- A mais completa compilação de dados sobre todos os actos eleitorais do Portugal de Abril
• Cerca de 350 quadros de dados estatísticos
• 240 páginas - 250\$00

CDL - a distribuição - À venda em todo o País

# DECLARAÇÃO

## de Carlos Brito, candidato à Presidência da República

As eleições para a Presidência da República, pelo órgão de soberania a que se destinam e pelas condições políticas em que se realizam, revestem importância determinante na vida nacional.

Ganham crescente nitidez as consequências dos seus resultados sobre o curso do regime democrático e sobre os interesses vitais e as aspirações mais profundas dos portugueses.

A conquista pelas forças reacçãoárias da Presidência da República, somada ao domínio pela «AD» da Assembleia da República e do Governo, representaria a conquista pela reacção de todo o poder político e a criação de condições mais favoráveis para o desenvolvimento dos seus planos de revisão inconstitucional da Constituição, de restauração do capitalismo monopolista de Estado, de imposição de crescentes limitações aos direitos e liberdades dos cidadãos, de liquidação das conquistas de Abril, de total submissão dos interesses nacionais aos ditames do imperialismo, no caminho da instauração de uma nova ditadura.

A tarefa central, decisiva e prioritária das forças democráticas e de todos os antifascistas é, por isso, derrotar o candidato da reacção, general Soares Cameiro, impedindo que a mais alta magistratura do Portugal Democrático possa vir a ser ocupada por uma figura inteiramente apegada às ideias, aos valores e aos métodos do passado, gravemente comprometida com o regime fascista e colonialista, visceralmente hostil ao 25 de Abril, aos trabalhadores e à democracia.

Derrotar Soares Cameiro — tal é o caminho que a causa da liberdade e da democracia aponta à acção confiante, firme e determinada de todos os portugueses e portuguesas de sentimentos democráticos.

Derrotar Soares Cameiro — tal é o resultado para que fundamentalmente pretende contribuir a apresentação da minha candidatura pelo Partido Comunista Português e a campanha de esclarecimento que em torno dela se realizará.

O papel que incumbe ao Presidente da República na garantia e defesa do regime democrático é uma das questões essenciais que a cada candidatura cabe esclarecer.

Ao Presidente da República não compete no nosso sistema constitucional o exercício de tarefas de governo. Mas a Constituição confere-lhe vastos poderes e competências para assegurar a defesa do regime e exercer uma influência geral positiva na política nacional.

Para atingir aqueles objectivos é necessário, a nosso ver, que a acção do Presidente da República se inspire pelas seguintes orientações fundamentais:

1. Respeitar e fazer respeitar a Constituição e os seus princípios, como um dos mais importantes fundamentos do Estado Democrático. O facto de o novo mandato presidencial coincidir com um eventual processo de revisão constitucional não altera tal princípio. Pelo contrário pressupõe que o Presidente da República zele para que a revisão constitucional respeite rigorosamente as regras fixadas na própria Constituição, designadamente quanto a obrigatoriedade de uma maioria de 2/3 para cada alteração e quanto ao escrupuloso respeito pelas características essenciais do regime que não são susceptíveis de alteração; segundo as próprias disposições constitucionais. Exige que sejam firmemente impedidas quaisquer formas de revisão inconstitucional da Constituição, designadamente através do recurso inconstitucional ao referendo que constituiria um autêntico golpe de Estado.

2. Assegurar, em todas as circunstâncias, os direitos e liberdades dos cidadãos e a vida democrática do País. Deverão ser garantidas a liberdade de imprensa sem quaisquer formas de censura e o pluralismo e independência na comunicação social estatizada; a liberdade de formação e actividade dos partidos políticos; a liberdade de associação, reunião e manifestação; a liberdade religiosa; a liberdade sindical e o direito à greve.

Assumem especial importância no futuro próximo, a salvaguarda dos direitos dos trabalhadores, a protecção dos cidadãos contra discriminações por motivos ideológicos e políticos, as garantias dos direitos da oposição, a garantia da democraticidade do processo eleitoral, impedindo designadamente a imposição pelo actual Governo e pela actual maioria parlamentar de uma lei eleitoral antidemocrática com que procurem manter-se no poder à revelia da vontade popular.

3. Contribuir de forma decisiva para a estabilidade e regular funcionamento das instituições democráticas, para a unidade das Forças Armadas na defesa do regime democrático e da independência nacional, para a consolidação e reforço do poder local e para o desenvolvimento da autonomia regional no quadro da unidade do Estado.

4. Garantir o prosseguimento das

transformações económicas e sociais realizadas no processo de democratização da vida nacional — designadamente as nacionalizações, a Reforma Agrária, o controlo de gestão, os direitos dos trabalhadores — que constituíram medidas indispensáveis à defesa da democracia e da economia nacional, que hoje são parte integrante e inseparável do regime democrático, uma condição de defesa da própria democracia política e uma base fundamental numa perspectiva de progresso nacional e de desenvolvimento independente de Portugal.

5. Dar uma contribuição activa, na sua esfera própria de acção, para a realização de uma política nacional conforme com a vontade e as aspirações populares e com a salvaguarda da independência e unidade nacionais.

Designadamente: — contribuindo para a realização de uma política de desenvolvimento económico e progresso nacional, baseada na mobilização dos recursos e energias nacionais, no apoio aos diferentes sectores da economia nacional de forma a garantir a sua máxima contribuição para a criação de riqueza, no relançamento dos grandes projectos de interesse nacional, na dinamização geral das actividades produtivas e na modernização do aparelho produtivo, na harmonização do desenvolvimento nacional e regional, no estímulo à participação criadora dos trabalhadores;

— contribuindo para a realização de uma política de bem-estar voltada para a melhoria das condições de vida da população, pela contenção dos preços; o aumento dos salários, pensões e reformas; a garantia e a estabilidade de emprego; a criação de novos postos de trabalho; a correcção das injustiças fiscais; a melhoria da segurança social, dos serviços de saúde e das condições de habitação;

— contribuindo para a realização de uma política de educação e cultura, ao serviço da democracia e do progresso social, que democratize o acesso ao ensino, que assegure a fruição e criação culturais por amplas massas e favoreça a formação democrática das jovens gerações e a sua contribuição para a solução dos problemas nacionais;

— contribuindo para a realização de uma política externa de independência, paz e cooperação, inspirada pelo princípio fundamental de que só os portugueses cabe decidir sobre os interesses nacionais, e firmemente orientada para a diversificação das relações externas de Portugal, designadamente para o reforço das relações com os novos países africanos de língua portuguesa, e para uma activa e responsável intervenção na cena internacional em sentido favorável à causa da paz, do desarmamento, do desarmamento e da intensificação das relações de cooperação internacional, no respeito pela soberania nacional, pelos interesses mútuos e pelo princípio da não ingerência nos assuntos internos dos outros Estados.

### III

Nas presentes condições, uma candidatura do PCP, a minha candidatura, tomou-se uma forma de intervenção indispensável. Tanto porque só o PCP está em condições de desmascarar e combater consequentemente a candidatura da reacção, como para suscitar uma clarificação que permita pôr a nu onde residem o inimigo e o perigo principais e quais são os melhores e mais eficazes meios de o combater e derrotar.

É por isto que a nossa campanha eleitoral se desenvolverá, designadamente, em torno dos seguintes objectivos fundamentais:

— esclarecer o significado destas eleições presidenciais e a importância dos seus resultados na vida do povo português;

— contribuir activamente para a mobilização do eleitorado antifascista, lutando contra a abstenção, com vistas a assegurar a derrota do candidato das forças reacçãoárias;

— contribuir para a criação de condições mais favoráveis à unidade e entendimento entre as forças democráticas e entre todos os antifascistas, como condição essencial para a defesa e prosseguimento da democracia portuguesa.

Acompanharemos atentamente o desenvolvimento da nossa candidatura, a campanha eleitoral no seu conjunto, a clarificação das posições dos outros candidatos e da situação política em geral.

Será em função da evolução destes factores que, na altura própria, decidiremos se a candidatura deve ir até ao voto ou deve ser retirada antes disso, e, nesse caso, se faremos apelo ao voto noutro candidato que reúna condições de vencer o candidato da reacção e de garantias de defender o regime democrático.

A democracia portuguesa dispõe de força,

vontade e capacidade para derrotar a ameaça da reacção e do fascismo.

A campanha das eleições presidenciais vai ser, porém, uma batalha difícil para as forças democráticas. Vai ser conduzida quando no Governo e na Assembleia da República dominam forças reacçãoárias que procuram travar e impedir o normal funcionamento do regime democrático e utilizar o aparelho de Estado, os seus recursos, os meios de comunicação social, para favorecer o seu candidato em detrimento dos demais, e desta forma falsear de novo a expressão da vontade do povo português.

A reacção vê também a sua actuação facilitada por aqueles que, numa curva reconhecidamente difícil para a democracia, intervêm nas eleições presidenciais não para esclarecer, mas para confundir, não para dizer a verdade ao povo, mas para vender velhas e derrotadas ilusões, não para servir a democracia, mas para se servirem a si mesmos à custa da democracia, não para unir os democratas em direcção à vitória, mas para os dividir e levar à derrota.

O objectivo central e prioritário nestas eleições — barrar o caminho ao assalto da reacção à Presidência da República — pode ser atingido.

É com esta convicção e confiança que, como candidato às eleições presidenciais, me dirijo a todos os militantes comunistas, a todos os democratas, a todos aqueles que, dando o seu voto ao PCP, à APU, têm demonstrado uma alta consciência dos interesses do nosso povo e da nossa Pátria, apelando para a sua participação activa e empenhamento confiante nesta campanha eleitoral, nesta nova batalha em defesa da liberdade e da democracia.

Lisboa, 4 de Novembro de 1980



Carlos Brito aos jornalistas: "O que está em causa não é a liderança da esquerda, mas a questão do Presidente da República. O que está em causa é a grande batalha em defesa da liberdade e da democracia que esta eleição comporta"

## Conferência de Imprensa

"Encaramos esta questão com uma grande responsabilidade. A demonstrá-lo, aí está o debate que realizámos, um dos maiores debates internos jamais realizados no interior do nosso Partido. A nossa candidatura é uma chave para a compreensão do processo das presidenciais e tem por objectivo ter uma importante influência no resultado das eleições de 7 de Dezembro" — afirmou ontem o camarada Carlos Brito, candidato apresentado pelo PCP às eleições para a Presidência da República. No diálogo que, na oportunidade, manteve com os jornalistas, Carlos Brito retomou as grandes linhas de análise e de decisões saídas da Conferência Nacional do PCP, realizada há oito dias em Sacavém, na sequência da qual viria a ser concretizada a candidatura de Carlos Brito.

A candidatura do camarada Carlos Brito à Presidência da República foi apresentada aos órgãos de comunicação social, no decorrer de uma conferência de imprensa realizada na manhã de ontem nas instalações do Centro de Trabalho Vitória, em Lisboa. Estiveram presentes na mesa que presidiu à conferência, além do candidato apresentado pelo PCP, os camaradas Álvaro Cunhal, secretário-geral do Partido, Jorge Araújo, membro do Secretariado do CC, José Casanova, membro suplente da Comissão Política, Aurélio Santos, membro do Comité Central, e João Amaral, mandatário nacional da candidatura de Carlos Brito.

Carlos Brito abriu a conferência de imprensa lendo uma Declaração de candidatura, que publicamos na íntegra ao lado, após o que se pôs à disposição dos jornalistas presentes para responder a quaisquer questões que estes desejassem colocar. Nenhum outro candidato dos que previsivelmente se apresentam às eleições pode defender tão consequentemente os princípios e as bases programáticas que informam a candidatura apresentada pelo meu Partido — começou por considerar Carlos Brito, respondendo à questão que lhe foi posta de saber que

outro candidato poderia aceitar as bases programáticas propostas pelo PCP.

Afirmando, pouco depois, que a apresentação pelo PCP da sua candidatura às presidenciais significava um grande contributo para a clarificação do processo, o camarada Carlos Brito sublinhou que, qualquer que venha a posição a ser definida pelos órgãos do Partido relativamente às eleições de 7 de Dezembro, na sequência das decisões da Conferência Nacional de Sacavém, tal posição nunca representará um cheque em branco. E acrescentou: A apresentação da candidatura, os princípios que defendemos e a campanha que vamos realizar é tudo menos um cheque em branco.

Depois de ter criticado as candidaturas que têm por objectivo confundir o eleitorado e dividir as forças democráticas — apontando os casos de Otel Saraiva de Carvalho e de Aires Rodrigues — Carlos Brito salientou:

A hora presente reclama a unidade de todos aqueles que estão com o regime democrático. Reportando-se à possibilidade de uma eventual candidatura do auto-suspenso secretário-geral do PS, Mário Soares — hipótese aventada por um jornalista presente — Carlos

Brito considerou a sua hipótese concretização como mais um dado para confundir, para desviar, para dividir.

Carlos Brito considerou, no entanto, que apesar da actual situação existente no Partido Socialista, o general Ramalho Eanes é ainda o candidato que em melhor posição se encontra para a derrota do candidato da reacção, Soares Cameiro.

A operação de branqueamento de Soares Cameiro

A última grande invenção da imprensa da direita e dos analistas da direita é a liderança. O que está porém em causa não é a liderança da esquerda, mas a questão da Presidência da República — disse mais adiante o camarada Carlos Brito, referindo-se ainda à actuação de Mário Soares. E, prosseguindo:

O que está em causa é a grande batalha em defesa da liberdade e da democracia que esta eleição comporta.

Depois de ter exprimido a sua grande preocupação e desaprovção relativamente às atitudes recentemente assumidas por Mário Soares, Carlos Brito classificou-as como uma aposta aberta na derrota do candidato melhor colocado para derrotar Soares Cameiro, o general Ramalho Eanes.

Após a entrevista de Mário Soares à TV — acrescentou o dirigente e candidato do PCP — já não é de todo obscuro um certo esforço para favorecer a candidatura do candidato da reacção. Nessa entrevista à TV, Mário Soares colaborou na operação de branqueamento do passado e do discurso do general Soares Cameiro, que é hoje um dos empenhamentos maiores das forças reacçãoárias. Assim, objectivamente, Mário Soares contribuiu para melhor colocar esse candidato.

Relativamente ainda à acção que tem vindo a ser desenvolvida por Mário Soares, Carlos Brito considerou que a actuação do auto-suspenso secretário-geral do PS revela um propósito friamente reflectido, friamente estudado e habilíssimamente executado.

Jogada de pura diversão

A eleição presidencial não pode ser pretexto para promoções pessoais e de pequenos grupúsculos, para operações de divisão da classe operária e das forças democráticas — disse, noutro passo do diálogo que ontem manteve com os jornalistas, o candidato do PCP, camarada Carlos Brito, referindo-se à candidatura de Otel Saraiva de Carvalho e às "propostas" que este e as forças que o apoiam fizeram em carta dirigida ao PCP e ao PS.

Considerando tais propostas como uma jogada de pura diversão, o camarada Carlos Brito acrescentou ainda: Não se brinca com os interesses do nosso povo, com os interesses da democracia.

## Processo de candidatura é entregue amanhã

A entrada do processo de candidatura à Presidência da República do camarada Carlos Brito far-se-á amanhã, dia 6 de Novembro, numa cerimónia a que estarão presentes o próprio Carlos Brito e uma delegação da Comissão Nacional de Apoio à sua candidatura — revela-se numa nota divulgada no passado domingo pelos respectivos Serviços de Candidatura e subscrita pelo mandatário nacional, dr. João Amaral.

É o seguinte o texto integral da referida nota:

1. A elaboração do processo de candidatura de Carlos Brito à eleição do Presidente da República vem demonstrar plenamente o profundo empenhamento de toda a organização do Partido Comunista Português na deliberação tomada pela Conferência Nacional do PCP realizada no passado dia 28 de Outubro.

No escasso período de 4 dias que desde então decorreu foi possível elaborar e concluir a documentação relativa a mais de 10000 proponentes de todos os pontos do País (do máximo de 15000 que é admitido pela lei

eleitoral). Este número é particularmente significativo, dado o facto de a documentação relativa a cada proponente envolver não só o reconhecimento notarial da respectiva assinatura na declaração de propositura, como ainda a obtenção de certidão comprovativa da sua inscrição no recenseamento.

2. A organização dos processos de candidatura tem sofrido as consequências de algumas confusões existentes quanto às exigências legais em matéria de identificação dos cidadãos proponentes de candidaturas à eleição do Presidente da República.

A lei eleitoral em vigor exige a identificação dos propo-

nentes, mas não impõe para esse efeito um modelo único.

Não podendo ser alterado o quadro legal, parece-nos perfeitamente claro que nenhuma entidade pode vir, a meio do processo, estabelecer outras exigências de identificação para além das mínimas. Isto aplica-se plenamente à circular que o STAPE enviou há poucos dias às juntas de freguesia. Tal documento, a que injustificadamente não foi dada pública divulgação, em termos de poder ter repercussão atempada na organização dos processos de candidatura, pode conduzir à perturbação da normalidade da organização do processo eleitoral. A atitude do STAPE é tanto mais incompreensível quanto àquela entidade não cabem poderes hierárquicos sobre as comissões de recenseamento e, muito menos, poderes de interpretação vinculativa da lei.

Da nossa parte, embora tendo o processo de candidatura de Carlos Brito organizado em termos que permitem

a mais rigorosa identificação dos proponentes, não podemos deixar de considerar que a confusão que aquela circular veio criar em nada beneficia a normalidade de um processo eleitoral complexo, que envolve para as comissões recenseadoras uma enorme sobrecarga de trabalho.

3. Tendo já preenchido o mínimo legal de 7500 proponentes previstos na lei eleitoral, prossegue entretanto a afluência aos Centros de Trabalho do PCP, com vista à subscrição da candidatura de Carlos Brito.

A recolha de assinaturas processou-se ainda durante este fim-de-semana e prosseguirá nos primeiros dias desta semana.

Tendo em atenção a recolha ainda em curso, a entrega do processo de candidatura far-se-á no próximo dia 6 de Novembro, quinta-feira, pelo próprio candidato Carlos Brito e por uma delegação da Comissão Nacional de Apoio à sua candidatura.

# Semana

29 Quarta-feira

1936 - É aberto o campo de concentração do Tarrafal, na ilha de Santiago, em Cabo Verde; neste dia entram os primeiros 150 presos antifascistas.



Morre Herculano Pires, um dos fundadores do Partido Socialista, deputado e membro do seu Secretariado Nacional; tinha 62 anos e faleceu após prolongada doença. Advogado de profissão, Herculano Pires foi um lutador antifascista, tendo participado no MUD e nas campanhas eleitorais dos generais Norton de Matos e Humberto Delgado. A direcção da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras reafirma em conferência de imprensa a sua oposição ao regresso a esta Escola do Ensino Superior de três professores saneados após o 25 de Abril e que sectores ligados à direita e à extrema-direita querem agora impor; os professores em questão, Veríssimo Serrão, Borges de Macedo e Borges Nunes, são apontados pelos alunos em geral como científica e pedagogicamente incompetentes e acusados de ideologias de extrema-direita. Termina o plenário nacional da Federação da Química e Farmacéutica que reuniu para analisar a actual situação político-sindical, sublinhando o comunicado final que o plenário considerou uma importante batalha e tarefa fundamental a derrota do candidato da "AD" às presidenciais.

30 Quinta-feira

1569 - Morre em Lisboa, com apenas 41 anos, o jurista, filósofo, humanista e poeta António Ferreira, autor da tragédia "Castro", uma importante obra do teatro clássico português.

Uma delegação da CGTP-IN entrega no Ministério do Trabalho um parecer no qual se repudia o projecto de diploma do Governo AD sobre duração e organização temporal do trabalho; o parecer, suscitado pela central sindical e pelas federações sindicais, resultou da ampla discussão promovida no seio dos trabalhadores. A comissão de trabalhadores da Sorefame protesta vigorosamente contra as medidas anunciadas nos últimos dois dias pela administração da empresa, nomeadamente a venda e "autonomização" de duas secções e o afastamento compulsivo do serviço de um número indeterminado de trabalhadores indirectos; a CT acusa os gestores e o Governo de pretenderem destruir a empresa em obediência a imposições do Banco Mundial. Os jornalistas da "Informação/2" da RTP começam a distribuir um jornal sobre a situação em que se encontram, após Prolongação de Carvalho ter anunciado o fim do espaço noticioso naquele canal da TV; ali se denuncia nomeadamente a instauração a jornalistas de processos disciplinares por meros "delitos de opinião", denúncias policiais de elementos mais activos e a ameaça do desemprego e extinção definitiva da Redacção. O Secretariado Nacional do PS congratula-se com o resultado das conversações havidas em Belém entre Ramalho Eanes e uma delegação do PS e decide nomear Saigado Zenha, António Amaut e Vítor Constâncio para a comissão política da candidatura do general Eanes.

31 Sexta-feira

1979 - O Presidente da República promulga o Estatuto da Carreira Docente Universitária, para entrar em vigor a partir de 1 de Dezembro.



Realiza-se em Lisboa uma sessão pública promovida pela CGTP-IN, a Liga Operária Católica (LOC), o Conselho Português para a Paz e a Cooperação (CPPC), a URAP e o MDM para comemorar a semana das Nações Unidas pelo desarmamento, tendo-se alertado, nomeadamente, a opinião pública nacional sobre os planos alarmantes de utilização do território português continental e insular para a instalação, estacionamento, armazenamento ou trânsito de mísseis ou quaisquer armas nucleares. Os jornalistas portugueses discutem, em assembleia geral do seu Sindicato, a possibilidade de fazerem uma greve de quatro dias na próxima semana, como forma de luta pela revisão justa do seu contrato colectivo de trabalho. Um relatório do Centro de Estudos de Planeamento, organismo dependente do Ministério das Finanças e do Plano, revela que o défice da balança de pagamentos atingiu, em Maio, 81,7% do previsto para todo o ano de 1980. A Junta de Freguesia da Damaia apresenta queixa na Polícia Judiciária por burla e falsificação de documentos respeitantes a certidões de recenseamento para a apresentação da candidatura de Aires Rodrigues à Presidência da República. O Conselho de Redacção da ANOP solicita ao Presidente da República a não promulgação do diploma governamental que cria os centros regionais da agência noticiosa portuguesa nos Açores e Madeira, solicitando igualmente ao Primeiro-Ministro a revisão do mesmo, de modo a harmonizá-lo com os princípios definidos na Constituição e na lei sobre a Comunicação Social estatizada.

1 Sábado

1130 - Morre D. Teresa, D. Afonso Henriques é proclamado conde de Portugal.



Os serviços de candidatura de Carlos Brito informam que, no escasso período de quatro dias, foi possível elaborar e concluir a documentação relativa a mais de 10 000 proponentes de todos os pontos do país da candidatura comunista às eleições presidenciais. O Instituto Nacional de Estatística prevê uma diminuição da taxa bruta de natalidade e um ligeiro aumento da taxa bruta de mortalidade durante os próximos cinco anos. O coronel Carlos Vilhena, velho lutador antifascista, é homenageado em Lisboa no decurso de um jantar em que participaram cerca de 200 democratas de diversas tendências. A Assembleia Geral do Sindicato dos Jornalistas aprova, por unanimidade e aclamação, uma proposta da direcção que confirma a decisão de greve geral nos próximos dias 5, 6, 7, e 8 na imprensa, agências noticiosas e Rádio. Termina em Lisboa o II Encontro Internacional para a Medicina do Trabalho, que decorreu durante esta semana, com a recomendação de se incrementar a formação de técnicos de saúde ocupacional em Portugal.

2 Domingo

1979 - Começa na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa a Conferência Mundial de Solidariedade com o Povo Árabe.

As autoridades angolanas desmentem vigorosamente o que classificaram uma atarada posta a circular pela agência portuguesa ANOP, segundo a qual o Governo de Luanda estaria disposto a "efectuar negociações" com os racistas sul-africanos sobre o futuro das relações entre os dois países, sublinhando que não se pode pensar que alguma vez os angolanos, a troco de entendimento com o governo da África do Sul, fossem capazes de trair de forma tão miserável aqueles que, de arma na mão, conquistaram com pesados e duros sacrifícios o seu direito à independência. Vinte dirigentes do PS solicitam ao presidente do Partido, António Macedo, nova convocação da Comissão Directiva, após o cancelamento da reunião prevista para a noite da última sexta-feira, devido ao não cumprimento dos prazos da convocatória.

3 Segunda-feira

1978 - É publicada no "Diário da República" a Lei do Recenseamento Eleitoral.

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores da Função Pública suspende a greve dos trabalhadores da informática da Previdência e segurança social que estava prevista para hoje; a greve destinava-se a pressionar o Governo a satisfazer as reivindicações daqueles trabalhadores e respeitantes à uniformização das suas condições de trabalho com as dos seus colegas de outros sectores da Função Pública, tendo entretanto sido obtidas garantias de que as reivindicações serão satisfeitas com a publicação no "Diário da República", muito em breve, de um diploma sobre aquela matéria.

# Os «admiradores» de Mário Soares

Que pretenda Mário Soares? Eis uma pergunta que, com boas e fundamentadas razões, muita gente tem feito nos últimos dias, mas à qual ainda não foi dada uma resposta clara. Entretanto, se as motivações do auto-suspenso (estranho estatuto este...) secretário-geral do PS permanecem nebulosas, fácil se toma porém constatar a quem servem as suas atitudes. Neste aspecto, tudo é claro.

"A decisão de Mário Soares de retirar subitamente o seu apoio à recandidatura do general Eanes, constitui uma ajuda efectiva a Soares Carneiro. O coro de elogios e o regozijo com que as forças reaccionárias receberam esta atitude e as censuras que lançaram contra a direcção do PS por não acompanhar o seu secretário-geral na tentativa de inviabilização da candidatura de Eanes, desfazem as aparências de esquerda com que Mário Soares quer revestir a sua actuação e não deixa dúvidas que ela serve de facto os planos da reacção" - afirma-se na Resolução aprovada na recente Conferência Nacional do PCP. A justeza de uma tal conclusão não pode legitimamente merecer reticências a ninguém. Análises semelhantes, aliás, têm vindo a ser feitas não só pelos comunistas. Escrevia a semana passada o editorialista de um semanário: "Mário Soares deu, até agora, segundo uma opinião que não é só nossa, antes muito generalizada, valiosos trunfos ao candidato presidencial da AD - e dentro da AD há mesmo quem reconheça e diga claramente que o líder socialista já fez mais pela eleição de Soares Carneiro do que este em todas as suas digressões pelo País." Vendo a questão nesta perspectiva, os factos são, na verdade, de uma evidência cristalina. E o sinal mais claro

de que a atitude de Soares fez, a direita esfregar as mãos de contenta, foi desde logo dado pela própria direita através das suas reacções públicas. Todos nos recordamos da alegria incontida das declarações de Ribeiro e Castro e Ângelo Correia, mesmo em cima dos acontecimentos, demonstrando um alvoroço apressado em elogiar Soares que imediatamente se tomou suspeito. Mas não menos elucidativo é considerarmos a atitude ao longo desses dias assumida por comentaristas e editorialistas da direita e extrema-direita, os quais, desavergonhadamente, e percebendo a inestimável ajuda que Soares estava a dar à candidatura de Soares Carneiro, passaram das diatribes, das críticas e dos insultos ao secretário-geral do PS aos mais rasgados elogios ao seu "perfil" moral e político. Na sequência da conferência de imprensa do general Eanes, e ainda antes da decisão de Soares ser publicamente conhecida, na sua "análise política" da edição do "Expresso" do dia 18 de Outubro, Marcelo Rebelo de Sousa considerava que "... o dr. Mário Soares percebeu certamente que se o general Eanes já o trata assim quando ainda não é presidente reeleito muito pior o tratará no futuro, se precisar disso. E sabendo isto, o dr. Mário Soares vai aceitar, a pé firme, ir até ao fim ao lado do general Eanes,

porventura até com um entusiasmo estufante no seu apoio à recandidatura...". Mais à frente, concluiu que "cada qual tem as derrotas que merece e experimentará as desilusões que inevitavelmente correspondam aos erros que pratica". A intenção do comentarista é óbvia: apelar à "dignidade" de Soares, incitá-lo às críticas contra o PR, encobrir sob a máscara da análise política "neutra" e "objectiva" a evidente preocupação de pôr Soares contra Eanes - para servir a candidatura Soares Carneiro.

E é assim que no número seguinte do "Expresso", na coluna A Figura da Semana, M.F. de Sousa já considerava que "como comportamento ético, Mário Soares foi claro e desassombrado, desmentindo pelos seus actos a análise que sobre ele aqui tínhamos escrito há uma semana, na parte especificamente respeitante à sua reacção à conferência de imprensa de Eanes. E, qualquer que possa ser o defeito político do seu gesto político, não pode deixar de ser acentuada a relevância positiva do seu comportamento ético. A ética política é sempre de respeitar, sobretudo quando se exprime, corajosamente, com evidentes riscos políticos". Muito menos subtil em "nuance" opinativa que Marcelo Rebelo de Sousa seria o autor suplenente da "Nota do Dia" do vespertino "A Tarde", ganhando no entanto em grosseria e total desdém. Dizia o referido plúmbeo (que assina C.P.), a propósito de Mário Soares, na referida nota redactorial também de 18 de Outubro passado:

"... Vicissitudes de quem, por falta de coerência e 'driblando' com deficiências graves, se vê obrigado a aceitar a bofetada, com a obrigação de - não tanto o desejar, estamos em crer - oferecer a outra face", continuando mais à frente, agora a propósito do general Ramalho Eanes: "... Eanes continua a ser, quanto a nós, candidato de grande peso. É inegável. Pelo que, sem descansar em louros já merecidamente obtidos, terá a Aliança Democrática de, bem atenta, jogar toda a militância para a eleição do seu 'seu' general Soares Carneiro. Não ocorrerem vitórias 'de mão beijada'. Menos ainda quando se cantam loas em vez de se porfiarem esforços. E Outubro vai quase passado..."

Todavia, logo no número seguinte de "A Tarde" (com a posição de Mário Soares já pública) o mesmo "C.P.", na mesma "Nota do Dia" e apenas algumas horas depois dizia estes "mimos" acerca de Soares e, no final, do general Ramalho Eanes: "... Na previsão que então fizemos (referia-se à citada "Nota do Dia" anterior) pareceu-nos natural pessoalizar o Partido Socialista em Mário Soares, seu líder incontestado e, sem dúvida, a única personalidade que, no Largo do Rato, tem estatura política para, com dificuldades embora, conseguir aglutinar os militantes socialistas deste País, e braços com graves reverses e 'enfiaços' agora nessa estranha e aberrante coligação que é a FRS." "Mas não, numa atitude a todos os títulos digna do maior respeito e admiração - seja qual for, a curto, médio ou longo prazo, o mesmo da situação bofetada... - Soares não aceitou a bofetada, dando

exemplo do que é verticalidade política e respeito por si próprio. Qualidade que, de resto, conhecendo-o há vários anos, nunca lhe negámos." "Mais do que afirmação pessoal, a posição do até agora secretário-geral do PS tem o relevante significado político de mostrar aos portugueses que 'o rei vai nu'. Inapelavelmente. (...) Eanes (...) vai mesmo nu (...), nu de razões para de novo se apresentar ao eleitorado, nu de carisma para se pretender o catalisador da vontade dos portugueses, nu da classificação que a si próprio após de 'candidato nacional', terminando deste modo: "A demonstração de 'razões' atribuídas a Mário Soares pelo articulista) ficará, por certo, a maciça adesão de militantes PS à concentração de logo à noite no Largo do Rato onde prestarão homenagem à verticalidade de um homem, lastimando, repudiando mesmo, o zigzaguear desconchavado e pouco sério de Ramalho Eanes: no fundo, o grande perdedor."

Por aqui se vê em que medida a insólita reviravolta de Soares veio de imediato alterar, na perspectiva da direita, as possibilidades eleitorais e a própria apreciação acerca do actual PR, o qual, graças a Soares, passou em poucas horas, segundo "A Tarde", de "candidato de peso" a "rei que vai nu"... Entretanto o matutino fascistoide "O Dia", que ainda poucos dias antes publicava uma "reportagem" sobre a casa de Mário Soares em Nafarros procurando nela, através de uma "montagem" repelente, denegrir a figura do secretário-geral do PS, não cabia em si de contente e estampava na primeira

página da edição do passado dia 21 estas considerações: "... Quem perscrutar as reacções basistas, populares também, não precisa de ter boa vista para vislumbrar a onda de solidariedade impulsiva a Mário Soares e de recriminações espontâneas aos 'notáveis' que o deixaram partir para o seu deserto limitado. (...) A decisão de Soares, que tudo deixa crer irreversível, é apenas uma catapulta, oportuna e digna, que o vai projectar em curto prazo, e de novo, para a ribalta política."

Ainda na mesma edição de "O Dia", mas nas páginas centrais avançava-se ainda o seguinte: "... Há já, de facto, sintomas de que muitos militantes acreditam no carisma presidencial do dirigente socialista. (...) Este dado leva os analistas a afirmar que Soares, embora tarde e a más horas, acabou por saber sair adiante e com dignidade reacquirida do imbróglio em que se envolvera ao longo de secretas negociações em Belém."

Eis como, pois, insuspeitos "admiradores" de Soares surgem repentinamente à luz do dia, revelados através de uma mudança de atitude operada em poucas horas. Os exemplos citados são circunscritos a alguns dias, mas daí até cá o que esses e outros jornais têm publicado só confirma as conclusões que estão à vista.

Com razão afirmava Álvaro Cunhal numa entrevista a um diário publicada em 22 de Outubro: "É um ensinamento da História que, quando os reaccionários começam a fazer elogios a dirigentes democráticos, alguma coisa está errada na actividade destes."

## Blanqui Teixeira em Angola e Moçambique

A convite do Comité Central do MPLA - Partido do Trabalho, partiu a 30 de Outubro para Luanda Fernando Blanqui Teixeira, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista Português.

Estas deslocações, bem como as conversações que Fernando Blanqui Teixeira realizará na República Popular de Angola e na República Popular de Moçambique, inserem-se no quadro das tradicionais relações de cooperação e solidariedade fraternais existentes entre o PCP e o MPLA - Partido do Trabalho, por um lado, e o PCP e o Partido FRELIMO, por outro.

## Plenário distrital de comerciantes e industriais

Realiza-se no próximo sábado, dia 8, às 15 e 30, no Centro de Trabalho Vitória, na Av. da Liberdade, em Lisboa, um plenário distrital de comerciantes e industriais, a que estará presente o camarada Manuel Pedro, membro do Comité Central do PCP.

O plenário é promovido pela Direcção da Organização Regional de Lisboa do PCP, abrangendo a ordem de trabalhos proposta a análise da actual situação política e dos problemas específicos dos comerciantes e industriais.

## Grupo de estudo na União Soviética

No quadro das fraternais relações de amizade e cooperação existentes entre o PCP e o PCUS, teve lugar de 21 a 28 de Outubro a visita à URSS de um grupo de estudo do PCP sobre problemas da política de transportes colectivos.

A delegação foi recebida pelo Comité Urbano de Moscovo do PCUS e efectuou diversas visitas e encontros com responsáveis de empresas do sistema de transportes colectivos da cidade - metropolitano, autocarros, transporte de mercadorias e eléctricos - observando assim o pleno funcionamento de um sistema integrado e planificado dos transportes, que visa a satisfação das necessidades e a melhoria do nível da vida do povo soviético.

## Camaradas falecidos

TEODÓSIO JUSTINO CACHOCHAS - Com 72 anos de idade, faleceu no Escoural, onde residia e se encontrava há bastante tempo doente, o camarada Teodósio Justino Cachochoas, pai do nosso camarada Teodósio Cachochoas, membro do CC e da DORS. A família enlutada e especialmente o camarada Teodósio do "Avante!" apresenta sentidas condolências.

JOSÉ FERREIRA CRUZ - Com 32 anos de idade, faleceu o camarada José Ferreira Cruz, que era membro do Secretariado de Célula da Mundial Confiança, companhia de seguros na qual o camarada era delegado sindical. O funeral realizou-se na quinta-feira passada, saldo da Igreja de S. Domingos. A família do camarada o "Avante!" apresenta sentidas condolências.

## Mais de 700 contos é o saldo actual da campanha para o Centro de Trabalho da Horta

Apesar de a campanha eleitoral ter absorvido as atenções da organização regional e de sectores no País e no estrangeiro que a apoiam, a Campanha de Fundos para o Centro de Trabalho da Horta tem vindo a desenvolver-se contando actualmente com mais de 700 contos!

Desde a última notícia publicada, que mostrava um balanço de 564 492\$00, registou-se a entrada de mais 137 301\$00, com as seguintes rubricas:

Apresentados em Lisboa	14 700\$00
Luso-canadianos de Vancouver	41 439\$00
Reparadora de Automóveis	1 275\$00
Grupo de Apoio aos Açores	300\$00
S. Miguel, Presente!	47 640\$00
Pela Unidade Nacional	22 497\$00
Pela Abertura do CT Horta	6 000\$00

Freguesia S. Mateus	500\$00
Convívio 22 de Junho	2 600\$00
Festa 30 de Junho	350\$00
Total	137 301\$00
Balanço anterior	564 492\$00
Saldo	701 793\$00

Entre as iniciativas que a campanha tem promovido salientam-se a inauguração, no dia 10 de Junho, do próprio Centro de Trabalho, com a realização de uma festa convívio. Salientam-se também as contribuições recolhidas na Freguesia de São Mateus, para além das dadas directamente à ORAA, quer das organizações da ilha quer de comunidades açorianas radicadas no continente e também no Canadá.

Documentos da Conferência Nacional do PCP (Porto, 31 de Maio de 1980)

# Não ao Mercado Comum

A mais completa análise realizada no nosso país sobre a adesão de Portugal à CEE e as suas consequências na economia nacional.

Intervenção de Álvaro Cunhal  
Conclusões Gerais

AGRICULTURA

Indústria

edições Avante!

● A Política Agrícola Comum (PAC) e as estruturas agrárias em Portugal ● A política leiteira da CEE e as suas repercussões em Portugal ● Reflexos no sector das carnes da integração de Portugal na CEE ● A produção vinícola portuguesa e a adesão à CEE ● Consequências da adesão de Portugal à CEE para o sector hortofrutícola ● Consequências para a política cerealífera da entrada na CEE ● A produção de oleaginosas em Portugal ● Consequências para o sector do açúcar ● Repercussões da adesão à CEE para produção de tabaco ● A floresta portuguesa e a adesão à CEE ● As indústrias alimentares em Portugal face à CEE ● A Reforma Agrária e a CEE ● A agricultura na Região Autónoma da Madeira ● A agricultura na Região Autónoma dos Açores ● Indicadores comparativos da agricultura nacional e da CEE ●

**À venda**

português

# CIÊNCIAS SOCIAIS

Uma revista nova que informará da actividade de mais de 30 institutos de investigação científica da Academia das Ciências da URSS, nos domínios da FILOSOFIA, HISTÓRIA, ECONOMIA, POLÍTICA, SOCIOLOGIA, DIREITO, FILOGIA, PSICOLOGIA, ETNOGRAFIA E ARQUEOLOGIA.

edições Avante!



## A vez da Sorefame

Para a administração da Sorefame, a mais importante empresa de metalomecânica do sector empresarial do Estado (sabe-se o que isto quer dizer em termos de formações económicas constitucionais) nas novas opções tecnocráticas têm a ver com *autonomização* e *venda*. Em suma, está «em praça» mais uma empresa com a maioria do capital pertencente ao Estado português. Está na forja o *afastamento compulsivo de um número não determinado de trabalhadores indirectos*. Estão em risco postos de trabalho. A Comissão de Trabalhadores, que já trouxe a público o seu protesto, acusa a administração de,

segundo ela própria anunciou, ir pôr à venda a secção de anodização da empresa e «autonomizar» a divisão de construções modulares. Para os órgãos representativos dos trabalhadores da Sorefame, que têm enfrentado duras provas na luta contra a repressão dentro da empresa, pela contratação colectiva, contra os despedimentos (na gravura, a imagem de um plenário na Sorefame) por detrás do «negócio» está o Banco Mundial e o FMI. A Comissão de Trabalhadores responsabiliza o Governo por essas «soluções» que derivam do atraso na assinatura do contrato de viabilização, atraso que traz grandes prejuízos à Sorefame.

## Horários «AD» O ministro do Trabalho fala de «nada» mas ameaça...

O anteprojecto sobre horários que, no fim do período de discussão, se transformou para o ministro responsável na «simple base de trabalho» de que «pode não restar nada», como afirmou em Coimbra o dito ministro Eusébio de Carvalho, mereceu dos trabalhadores e das suas organizações de classe um repúdio geral por todo o País. Se com esse anteprojecto o Governo pretendeu apalpar o pulso do Movimento Sindical sobre a sua reacção ao que a «AD» tem preparado para apresentar como «pacote laboral» de novo estilo, já teve

tempo mais que suficiente para se desenganar sobre a opinião maioritária dos trabalhadores (e não apenas deles) quanto à defesa de conquistas essenciais, algumas delas alcançadas pela luta já antes do 25 de Abril. A tentativa governamental de fazer passar o seu projecto sobre «duração e organização temporal do trabalho» constituiu um tal fracasso que o ministro não directamente atingido se viu obrigado, para distarçá-lo, a «arranjar rapidamente algumas fórmulas ideológicas tão velhas e usadas que fazem lembrar

### De novo, a Lei das CT's

o corporativismo fascista. Veja-se, para não ir mais longe, o apego a um tipo de «paz social», ou de «pacto» do mesmo nome, que deturpa para o simples para o lixo toda a organização dos trabalhadores nas empresas e serviços (com a ajuda sempre estimável de algumas forças

políticas instaladas na UGT); veja-se o interesse do mesmo ministro pela sua descoberta da acção «triangular» (entendimento — em que moldes? — entre governo, empresários e trabalhadores) «triângulo» que nada teria de equilibrado, mas que evitaria da parte deste Governo, segundo o ministro do Trabalho, «qualquer exibição de poder». (Que o Governo, pela voz da Praça de Londres promete não fazer, aliás!) E, entretanto, os gestores eleitos para os órgãos de gestão das empresas do sector empresarial do Estado não

podem tomar posse. Representantes dos trabalhadores, eleitos democraticamente nas próprias empresas, de acordo com a Lei 46/79, (das Comissões de Trabalhadores) em vigor desde 12 de Setembro do ano findo estão impedidos de exercer os seus mandatos por falta de «regulamentação». A Lei tem de ser regulamentada, diz o ministro, mais de um ano depois de se saber que nenhuma regulamentação pode alterar o conteúdo constitucional do diploma, ou seja a defesa das comissões de trabalhadores e do controlo de gestão. O ministro Eusébio de

Carvalho afirma que este Governo não pretende «fazer qualquer exibição de poder». Mas em troca exige, ou ameaça exigir, do Movimento Sindical, dos trabalhadores, dos seus organismos representativos nas empresas e serviços a abdicção pura e simples de direitos legalíssimos, de regalias, interesses e garantias, que mais ninguém senão eles próprios, organizadamente, poderão defender. Como o anteprojecto sobre os horários, esse «negócio» do ministro é «uma base de trabalho» que não serve para ninguém.

## Na Cabos Ávila Até o voto «assusta» os patrões

### Uma amostra do que pode ser o «pacto social/AD»

A Cabos Ávila, empresa que começa a tornar-se tristemente conhecida e mesmo a contar-se entre as primeiras no campo da repressão, resolveu proibir agora a eleição dos delegados sindicais no local de trabalho.

Algumas administrações, ou dirigentes e gestores de grandes empresas ligadas à CIP, decidem por sua conta antecipar-se àquilo de que estão à espera: as promessas do Governo ao grande patronato, que atingem directamente direitos, liberdades e garantias constitucionais dos trabalhadores e das suas organizações de classe.

Assim, a administração da Cabos Ávila antecipa-se e viola frontalmente a Lei Sindical em vigor.

Confrontados com a coacção e mesmo com a violência através de um «sistema de vigilância», que actua na prática como polícia privada dentro da empresa, os representantes legítimos dos trabalhadores da Cabos Ávila tiveram, uma vez mais, de adoptar uma solução para ultrapassar e vencer a arbitrariedade patronal.

E a solução surgiu e resultou. Os trabalhadores votaram na rua. Aproveitando as mudanças de turno e a porta traseira de uma viatura, os delegados

sindicais da Cabos Ávila foram eleitos. Duas horas e meia antes de fecharem as urnas já tinha exercido o seu direito de voto 85 por cento dos trabalhadores.

«Mesmo em péssimas condições», como acentuou uma dirigente do Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas (SIESI) maioritário na empresa, «a grande maioria dos trabalhadores votou», dando «provas da sua consciência de classe».

Os trabalhadores da Cabos Ávila não se deixam intimidar. Os seus delegados foram eleitos. Mas agora é preciso travar ainda outra batalha.

No seguimento de «um processo longo, repleto de arbitrariedades e repressão», os órgãos representativos dos trabalhadores da Cabos Ávila enfrentam novamente a administração para o reconhecimento dos delegados eleitos por parte dos dirigentes de uma empresa que pretendia obter do Sindicato a lista dos associados, o que

evidentemente não conseguiu, conforme afirmaram dirigentes do SIESI, que entretanto cumprira todas as formalidades legais para que o acto eleitoral se realizasse dentro da empresa como a Lei autoriza e prevê.

### Mais coacção em empresas de Coimbra

A maior coacção exercida sobre os trabalhadores nas empresas do distrito e o «recurso abusivo e inconstitucional» aos contratos a prazo, que «continua a constituir uma prática generalizada», foram atitudes denunciadas entretanto pelo secretariado da União dos Sindicatos de Coimbra (USC) que acabara de ter uma reunião com o ministro do Trabalho.

O caso da Ávila está longe de ser único. O Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas (SIESI) obrigado a desenvolver grande actividade e acção na defesa dos seus associados, ainda recentemente denunciava um agravamento da situação laboral em várias empresas do ramo. Naturalmente à cabeça da lista vinha a Standard Eléctrica/ITT e o despedimento colectivo que o Supremo desautorizou. Mas o Sindicato alertava ainda e protestava contra processos disciplinares e tentativas de despedimento na Comportel, na Cabos Ávila, na Plessey e na Fábrica de Elevadores Selta. O SIESI referia ainda o caso da Vitrom onde a administração tentara boicotar um plenário convocado pelo Sindicato.



Num comunicado, aquela estrutura intermediária da CGTP-IN, acrescenta que «a Inspeção do Trabalho ou não actua ou, quando exerce alguma acti-

vidade, não o faz com o objectivo de defender os direitos dos trabalhadores», como ainda recentemente aqui referíamos nas páginas do «Avante!» ao tratar de casos idênticos.

O ministro do Trabalho defendia, entretanto, na Câmara Municipal de Coimbra, a necessidade de «diálogo aberto e crítico entre os parceiros sociais».

Essa necessidade baseia-se certamente para o ministro na intensificação do apoio governamental às atitudes repressivas e ilegais do grande patronato, enquanto que a pasta que dirige se «abstém» cada vez mais face aos problemas e conflitos laborais, perante o de-

semprego e o ataque cerrado contra os órgãos representativos dos trabalhadores nas empresas e serviços.

### Repressão também contra jornalistas

Jornalistas e dirigentes sindicais do sector também são atingidos pela repressão. Há jornalistas despedidos por adesão a formas de luta decididas democraticamente.

A assembleia geral do SJ, que decretou a greve desta semana, mandou a direcção para obter a reintegração de dois dos seus associados despedidos de «A Tribuna» e da RDP.

No jornal «O Primeiro de Janeiro» do Porto foi proibida a realização de plenários de trabalhadores.

Na RDP, dirigentes sindicais do Sindicato dos Jornalistas foram impedidos de entrar nas instalações para reunirem com companheiros de trabalho.

As organizações e organismos representativos dos trabalhadores em empresas e serviços de todos os sectores não podem desperdiçar nenhum esforço para enfrentar com êxito a ofensiva contra os seus direitos.

## Os furos da Renault em Portugal

### franceses impedidos de entrar nas instalações

As condições oferecidas pelo Governo à multinacional Renault para se instalar em Portugal foram um dos pontos abordados na conferência de Imprensa da última sexta-feira, em Lisboa, depois de uma visita da Federação dos Metalúrgicos franceses CGT a convite da sua congénere portuguesa, que representa a grande maioria dos trabalhadores do sector. Pelo que publicamente se conhece (as duas organizações exigem o completo esclarecimento das condições de instalação do projecto por parte do Governo português e da direcção-geral da Renault) o governo português concedeu facilidades inéditas à multinacional, designadamente um financiamento de meio milhão de contos do Fundo de Desemprego. Ao mesmo tempo que renunciava ao direito de nomear administradores ou de recorrer ao foro nacional, isto é aos tribunais portugueses, para resolver diferendos ou conflitos que possam surgir entre as duas partes, o Governo «AD» oferecia ao grande capital francês incentivos de ordem fiscal; um processo de contingentação de importações no sentido de garantir a venda de pelo menos 40 mil veículos/ano no mercado interno português; uma garantia de crédito para a compra de viaturas daquela marca e ainda uma compensação por eventuais «prejuízos» derivados de alterações de câmbios ou de legislação relativa ao comércio de veículos. As duas organizações sindicais, que deram a conferência de Imprensa não sabem tudo sobre o acordo. Mas o que sabem e veio a público dá bem a ideia do custo destes negócios «europeus» e de quem os paga. Na conferência com que terminou a visita, as duas Federações de Metalúrgicos (a francesa incluía um dirigente sindical da própria Renault) foi afirmado que, por aquilo que publicamente se conhece do acordo, e pouco é, se é levado a crer que o Estado português fica dependente de normas definidas com rigor quanto às facilidades que concede enquanto que as obrigações da multinacional são, pelo menos, imprecisas.

### Administração recusa a entrada

A Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal (FSMMP) e a delegação da Federação da Metalurgia de França/CGT, que no final da visita emitiram um comunicado conjunto, cumpriram o essencial do programa da visita. Mas, apesar dos esforços desenvolvidos, a que nos referimos no número anterior do «Avante!», a delegação francesa não foi autorizada a visitar os locais de trabalho da Renault em Setúbal, Cacia, Guarda e Lisboa para reunir com os trabalhadores. As duas Federações protestaram contra essa atitude ilegal da administração do «projecto Renault». A delegação francesa (Serge Lelay, Alain Maille e Pierre Carré) convidou uma delegação dos seus camaradas portugueses a visitar a França e foi por sua vez convidada a fazer-se representar no Congresso da Federação portuguesa dos metalúrgicos, a realizar no próximo ano.

### Entretanto vão avisando...

Entretanto, a APF (Associação Portuguesa de Fundação), naturalmente ligada à indústria automóvel, ou melhor aos seus «projectos» em Portugal, avisava muito claramente no Porto, ao terminar o seu XVI Congresso, que é preciso triplicar até 1985 a produção do ferro fundido. Mas a APF é também muito clara quando afirma que esse triplo da produtividade não vai implicar, na mesma proporção, o aumento dos postos de trabalho. A Associação (uma das «parceiras sociais» que ultimamente proliferam na TV) não quer mais nada senão «tomar a indústria portuguesa competitiva», exclusivamente à custa dos trabalhadores. É preciso reforçar continuamente a unidade e a eficácia da luta comum para contrariar esses «projectos» de que a APF é um dos porta-vozes.

## UTIC tem direito a gestor-trabalhador

O direito consagrado pela Lei 46/79, de 12 de Setembro, segundo a qual os trabalhadores elegem os seus representantes para os órgãos de gestão das empresas do sector empresarial do Estado foi confirmado, relativamente à UTIC, pelo Provedor de Justiça, dr. Magalhães Godinho. Segundo o parecer solicitado pela Comissão de Trabalhadores daquela empresa, onde o capital público é maioritário, o Provedor considerou que o sector empresarial do Estado não se limita a integrar as «empresas públicas». Inclui também as sociedades de capitais públicos e quaisquer empresas de economia mista onde sejam maioritários os dinheiros do Estado.

## Direitos sociais atacados no BESCL

- Que faz a CT?
- Indispensável a unidade

Direitos sociais e económicos dos trabalhadores do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa (BESCL), como o departamento de vendas e a messe, «estão seriamente ameaçados por um conselho de gestão composto por gente muito parecida com aquela que o 25 de Abril e os trabalhadores sacudiram e derrotaram», afirma num comunicado recente o secretariado da célula do PCP naquele Banco. «Como muitos trabalhadores», os comunistas perguntam o que faz ou fez, entretanto, a CT de cujas reuniões com o Conselho de gestão «nada sai, nem é transmitido aos principais interessados», que são naturalmente todos os que trabalham no Banco. Segundo o comunicado da célula, o conselho de gestão prepara-se para entregar a exploração da messe a uma entidade privada, quando existe um conselho de gerência dessa mesma messe eleito democraticamente pelos trabalhadores. Quanto ao departamento de vendas que, como a messe, só traz benefícios, a gestão do Banco quer pura e simplesmente eliminá-lo «não respeitando a sua própria assinatura quando ratificou o acordo com as estruturas representativas dos trabalhadores em 1974 e 1976».

### A unidade é indispensável

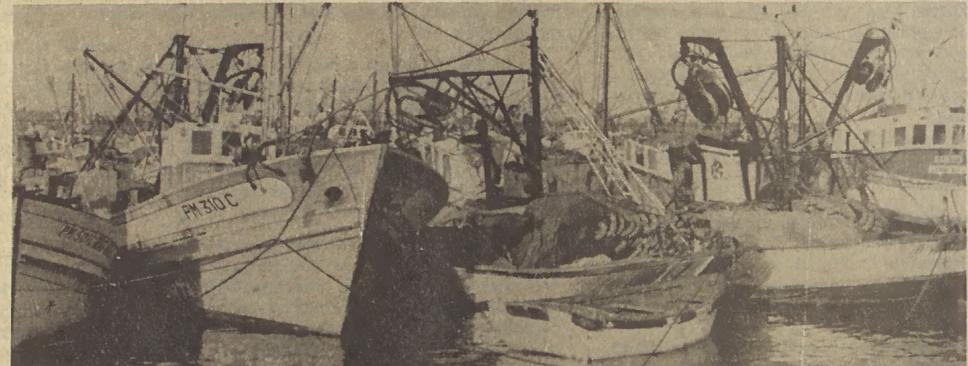
Só a «unidade indispensável» de «todos os trabalhadores do BESCL, como forma superior de defesa e luta pelos seus direitos sociais e económicos», é capaz de parar a ofensiva contra os seus direitos, impedindo que «os objectivos anti-sociais do conselho de gestão se concretizem». Para isso é necessário — afirmam os trabalhadores comunistas — que sejam ouvidos, informados, esclarecidos e mobilizados todos os trabalhadores da empresa; que o conselho de gerência da messe, como estrutura também eleita democraticamente pelos trabalhadores do BESCL, tenha uma mais directa intervenção no tratamento das questões relacionadas com a messe e o departamento de vendas; que se aprofunde a acção conjunta de todas as estruturas representativas dos trabalhadores do BESCL, com o objectivo de cumprir a sua tarefa essencial: defender os interesses e direitos de quem os elege, isto é, dos trabalhadores.

## Serviço doméstico 113 anos ainda pesam na «nova» legislação

Uma lei com mais de 113 anos foi finalmente abolida por um decreto que regulamenta o trabalho das empregadas domésticas.

Depois de muitos anos de lutas e humilhações de vária ordem, as trabalhadoras do serviço doméstico conseguem ver contempladas algumas reivindicações elementares. É o caso dos «feriados, das férias remuneradas e da idade de entrada ao serviço». Mas o decreto do Governo — acrescenta o Sindicato do Serviço Doméstico — ignora e subverte a maioria das aspirações das trabalhadoras do serviço doméstico.

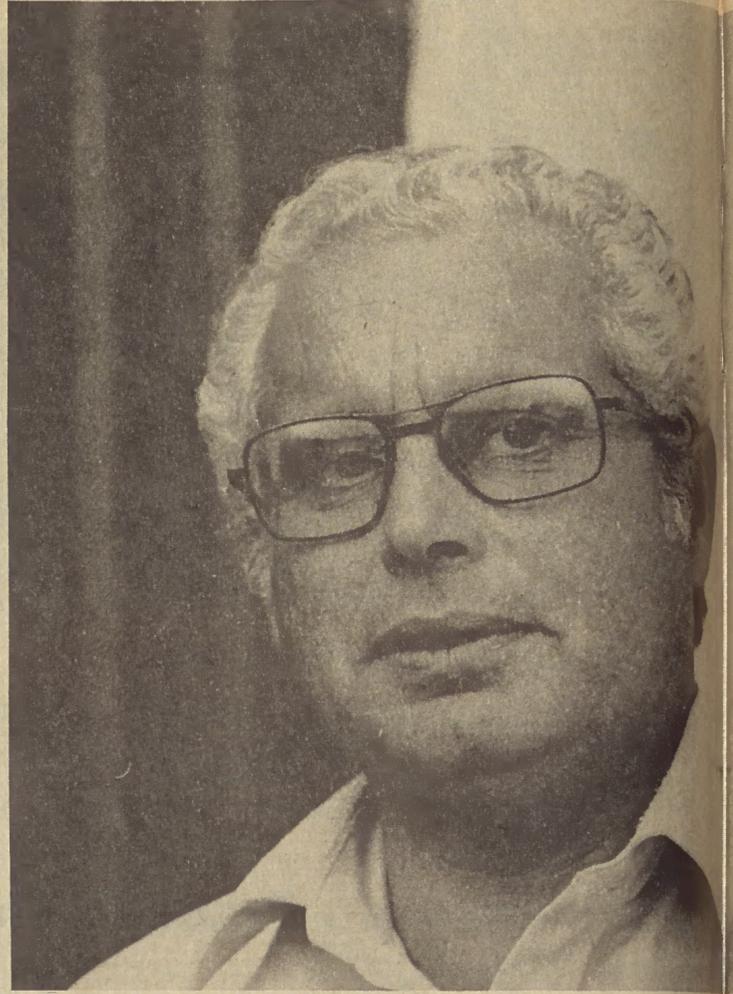
O Governo que, «sendo lobo (...) sabe vestir a pele de cordeiro», refere aquela associação sindical unitária, ignorou no decreto os despedimentos sem justa causa, o horário de trabalho, os tempos livres, o 13.º mês, as horas extraordinárias, a segurança do emprego que o Sindicato e as trabalhadoras reivindicavam como «direitos mais elementares de quem trabalha». A regulamentação foi publicada no «Diário da República» de 21 de Outubro findo e entrou em vigor no dia seguinte.



Enquanto as «reservas», desta vez na pesca, suscitam protestos entre os pescadores algarvios (Armação de Pera, Albufeira e Quarteira) com o Sindicato dos Pescadores do Distrito de Faro pedindo antontem uma audiência urgente ao secretário de Estado do sector, os trabalhadores da SNAB (Sociedade Nacional dos Armadores de Bacalhau), empresa nacionalizada, paralisavam no mesmo dia a cem por cento. Motivo: contratação colectiva: salários dos trabalhadores de terra que não são revistos há quatro anos. A proposta de aumento salarial é considerada justa pela comissão administrativa da empresa. Mas a Secretaria de Estado das Pescas acha que não. Apresentada há meses, a proposta sindical não vai além dos 15 por cento de aumento. Mesmo assim, o Governo acha muito. Daí a posição dos trabalhadores transmitida pela sua associação sindical: não são eles que querem a greve. É o secretário de Estado das Pescas que os empurra para essa forma de luta, cuja continuação se prevê para os próximos dias 10 e 11, se até lá não houver uma resposta justa daquele departamento governamental

## «Avante!» entrevista o camarada Carlos Brito

# Julgo que temos condições para cumprir os quatro objectivos fundamentais que foram traçados para a nossa candidatura



— Camarada Carlos Brito: nos últimos meses, quando a questão das eleições presidenciais ocupava já um lugar destacado na situação política portuguesa, o PCP sempre afirmou que guardaria a sua resolução sobre o assunto para depois das eleições legislativas, uma vez que o resultado destas influenciaria directamente tudo quando se referisse àquelas. A Conferência Nacional e as duas últimas reuniões do Comité Central confirmaram a justeza desta orientação.

A teu ver, como, em concreto, a solução avançada pelo Partido da apresentação da tua candidatura corresponde à situação existente, ou melhor, em que foi influenciada por ela?

— Em primeiro lugar, é claro que o resultado das eleições legislativas veio conceder uma importância acrescida às eleições presidenciais. Como tem sido afirmado pelo Partido, o facto de a direita ter reforçado a sua maioria na Assembleia da República e, assim, continuar a dispor do Governo implica que uma vitória do seu candidato para a Presidência da República se traduziria numa situação extremamente perigosa de hegemonia de poder por parte da reacção que lhe permitiria prosseguir a execução dos seus planos de destruição do regime democrático (revisão inconstitucional da Constituição, destruição das conquistas de Abril) em moldes qualitativamente novos.

— A essa necessidade corresponderá então o primeiro objectivo fundamental da tua candidatura que é avançado na Resolução da

à actuação do general Eanes como Presidente da República nos últimos quatro anos e que são essencialmente três: uma real contribuição para a existência da democracia em Portugal; a garantia das liberdades e dos direitos dos cidadãos e o assegurar da actuação dos partidos no regime democrático estabelecido.

A conferência de imprensa não veio igualmente modificar as posições críticas que tínhamos em relação à mesma actuação do Presidente e que foram apresentados na intervenção do camarada Álvaro Cunhal à Conferência Nacional.

Mas o que é certo também é que a conferência de imprensa teve uma grande influência na opinião pública. Há as manobras de Mário Soares e golpes de teatro a elas ligados, mas para além disso sabemos que junto de milhares de eleitores, junto das pessoas que têm uma activa participação no movimento popular essa conferência de imprensa foi muitíssimo mal recebida e provocou uma sincera desilusão.

— Isso poderia contudo levar à conclusão de que a atitude de Mário Soares corresponderia à expressão de um estado de espírito de descontentamento real por parte de amplos sectores do eleitorado...

— Não é assim. Na minha opinião, o rompimento de Mário Soares no seu apoio ao general Eanes tem menos que ver com a conferência de imprensa, do que com o resultado das eleições de 5 de Outubro.

É do conhecimento do país que Mário Soares fez muito relutantemente um acordo com o general

“O assalto da direita à Presidência da República não teria apenas o significado de aquela passar a dispor de um terceiro órgão de soberania: no caso concreto da Presidência da República e do candidato reaccionário, general Soares Carneiro, a sua eleição significaria uma importante modificação em todo o quadro do Estado e do regime”

Conferência Nacional e que consta também da declaração que ontem foi divulgada aos órgãos de comunicação social?

— Sem dúvida. Mas os resultados das eleições legislativas influenciaram ainda a situação noutro campo, isto é, o quadro geral das candidaturas que já existiam, o que naturalmente teve igualmente que ser apreciado por nós no sentido de encontrar a resposta mais adequada.

— Referes-te à alteração de posições do PS em relação à candidatura do general Ramalho Eanes após a conferência de imprensa de 14 de Outubro?

— É um dos aspectos. Toma-se evidente que, quer as próprias declarações do general Ramalho Eanes nessa conferência de imprensa, quer as atitudes do secretário-geral do PS reflectem a influência dos resultados das eleições para a Assembleia da República.

— As declarações do general Ramalho Eanes em 14 de Outubro influenciaram também a nossa posição?

— A conferência de imprensa não alterou a nossa opinião sobre os traços positivos que reconhecemos

Ramalho Eanes, pesando essencialmente as vantagens que esse acordo lhe trazia para as eleições legislativas. Na medida em que a situação se alterou, iniciou imediatamente a procura de outro tipo de soluções.

A questão essencial, porém, reside no facto de que, por um lado, os resultados das legislativas (como já disse) vieram dar uma importância acrescida às eleições presidenciais e que, por outro, eles não alteraram a realidade de que o general Ramalho Eanes continua a ser o candidato com mais possibilidades de derrotar o candidato da reacção, o general Soares Carneiro.

Haveria assim duas atitudes a tomar face ao real descontentamento que em largos sectores do movimento popular as infelizes declarações do general Eanes provocaram: tomar atitudes que objectivamente enfraquecessem as condições de derrotar o candidato da reacção, ou avançar um trabalho de esclarecimento do eleitorado que passa tanto pela crítica à actuação do candidato melhor colocado para derrotar o candidato da reacção como pela definição de que é esta derrota o objectivo

“Os votos nos candidatos esquerdo e divisionistas e demagógicos e a concentração de votos à direita”

fundamental das forças democráticas nas eleições presidenciais.

— Digamos que a primeira posição é a de Mário Soares e a segunda é a nossa...

— Sim. Mas a verdade é que a própria actuação de Mário Soares veio demonstrar que o fundo da sua actuação foi objectivamente favorecer a direita sob a capa de uma actuação de esquerda.

O desenrolar do processo desmascarou o real sentido e o real conteúdo da operação. O dr. Mário Soares acaba por não contestar as afirmações e posições políticas como questão essencial: acaba por reduzir a questão a um problema de menos lealdade, de menor solidariedade, ao mesmo tempo que começa a proceder a uma operação de reabilitação para a democracia do candidato da reacção.

E não só. Nas suas declarações, o dr. Mário Soares procura ainda «decretar» a derrota do general Ramalho Eanes, dando a ideia de que não há alternativa possível para além de «aguentar» Soares Carneiro. Ora a realidade é bem diferente, o estado de espírito de milhões de eleitores não é para aí que aponta, as próprias sondagens dão uma ideia diferente e, em qualquer dos casos, em nosso entender, ainda que as possibilidades fossem mínimas de derrotar o candidato das forças reaccionárias, era nessas que seria necessário trabalhar.

— Disseste que um dos objectivos da apresentação da nossa candidatura é o de estabelecer um diálogo político com outras (e muito especialmente com a mais bem colocada para derrotar o candidato da direita) com vista a uma clarificação da situação e da nossa actuação face à ida ou não às urnas da tua candidatura. É certamente neste sentido que

“A conferência de imprensa não alterou a nossa posição sobre o que reconhecemos à actuação do general Eanes como Presidente da República e não modificamos as posições críticas que mantemos em relação à mesma actuação”

a declaração básica que ontem apresentaste define com muita clareza os nossos pontos de vista sobre o que deverá ser a actuação de um Presidente da República identificado com o regime saído do 25 de Abril.

A verdade porém é que uma das frentes de ataque de Mário Soares ao general Eanes tem sido o de que repetidamente o actual Presidente da

Armadas, como base de sustentação de um Estado autoritário mais ou menos ditatorial.

Com o candidato que escolheram, as forças reacçãoárias pretendem a "domesticação" das Forças Armadas através de um general com experiência grande no domínio da repressão, com vista a prepará-las para darem cobertura às forças de segurança sempre que o entenderem necessário.

Isto não significa que este dispositivo seja realizável. Mas é a isso que as forças reacçãoárias aspiram e planeiam.

Quanto a mim, este facto concede ainda uma importância acrescida à eleição para a Presidência da República: a eleição do candidato da reacção colocaria de facto a quase totalidade dos órgãos de poder sob o controlo das forças reacçãoárias (uma vez que estariam abertas as portas para a liquidação do Conselho da Revolução). O assalto à Presidência da República não teria apenas o significado de passar a dispor de um terceiro órgão de soberania: no caso concreto da Presidência da República e do candidato reacçãoário, general Soares Carneiro, a sua eleição significaria uma importante modificação em todo o quadro do Estado e do regime.

O general Soares Carneiro não é a estabilidade que apregoa. É a instabilidade e representa a via das aventuras repressivas em relação às Forças Armadas.

— Que se traduziria inevitavelmente num caminho para um sistema autoritário, para uma nova ditadura?

— Será necessário afirmar que em qualquer dos casos, este tipo de solução defronta a firme oposição da grande maioria do povo português: os próprios resultados eleitorais apontam este facto. É contudo necessário acrescentar ainda que ninguém pode ignorar ou pôr em causa que esta parte do povo português que se afirma claramente pelo regime democrático, que apoia as forças democráticas, se situa nos sectores mais activos, mais intervenientes do nosso povo. Mais interveniente sob o ponto de vista económico (são os trabalhadores, os produtores da riqueza), sob o ponto de vista social e sob o ponto de vista político. Como o PCP tem repetidas vezes afirmado, a democracia conta com forças suficientes para poder assegurar a sua defesa.

É importante sublinhar também que muitos que estão com a "AD", e muito mais se pensarmos no eleitorado, estão contra a ditadura e o fascismo e não vêm com bons olhos o candidato Soares Carneiro.

Entretanto é necessário dizê-lo: o fascismo espregueia por detrás da "AD". Não é um perigo eminente. Mas o que é essencial é verificar que é um perigo real, e que a presente batalha eleitoral tem uma muito grande importância na definição do futuro do país e do povo português, tem uma grande importância para afastar esse perigo e dar condições para preparar a sua derrota definitiva.

— As próximas eleições contam com um grande número de candidatos de características diversas. Começemos pelas que provêm do sector esquerdista, as de Otelo e Aires Rodrigues.

— Antes de tudo o mais, há que verificar que quer um quer outro invocam que pretendem contribuir para a derrota do candidato da direita. Donde a primeira coisa que há a perguntar é: como é que contribuem?! Ganhando as eleições? Não se vê como é que podem ganhar, nem o mais tolo dos eleitores acredita nessa patranha e, pelo menos, não ganham os dois... Pelo menos estorvam-se um ao outro... É dispersando votos? Mas isso toda a gente sabe que é favorecer o candidato que à partida tem uma grande massa de votos.

Por outro lado, a identificação que ambos fazem entre as candidaturas de Eanes e Soares Carneiro traduz-se claramente numa contribuição para desmobilizar o eleitorado, para diminuir as possibilidades do candidato melhor colocado para derrotar o da direita, enfim, semear a confusão e na babujem dessa confusão colherem frutos pessoais e de promoção de grupúsculos.

A própria personalidade desses dois candidatos é aliás esclarecedora.

Aires Rodrigues foi dirigente destacado do PS, participou na fase principal do ataque daquele partido à Revolução portuguesa e no anticomunismo mais frenético, destacou-se igualmente nas bancadas do PS na Assembleia da República pelos seus ataques e insultos aos dirigentes do PCP. Já depois de se ter afastado do PS, mas mantendo-se na Assembleia deu passagem ao governo PS-CDS, abstendo-se na moção de rejeição desse governo apresentada pelo PCP.

Otelo é o homem — como é por demais conhecido — que só se lembrou de defender a Revolução quando já não tinha os meios militares e políticos para o fazer... Está a repetir a mesma campanha que fez em 1976 para conduzir aos mesmos resultados de desilusão e, neste caso, ainda mais grave, pois não se trata apenas de desilusão, mas um auxílio precioso ao candidato da direita. É um caso de megalomania que vai ao ponto de, depois do rotundo fracasso da

FUP, vir agora afirmar que tem hoje melhores condições para ganhar do que em 1976!

Julgo que é fundamental assinalar que, nesta batalha eleitoral, os votos nos candidatos esquerdistas são votos duplamente perdidos: não apenas se trata de votos em projectos, em candidatos que defendem posições divisionistas, demagógicas, contrárias aos interesses do movimento operário e popular e da democracia, como são votos que, dispersando a votação democrática, contribuem objectivamente para reforçar a concentração de votos no candidato da direita e fornecer-lhe assim maiores possibilidades.

— E quanto a Menezes Alves?

— É o candidato divertido... Mas o seu papel não é com certeza inocente.

— E Pires Veloso e Galvão de Melo?

— São evidentemente duas candidaturas de direita que se, por um lado, reflectem ressentimentos pessoais (nomeadamente no caso do coronel Pires

### "Desta vez, a direita parece interessada em incrementar e impulsionar a abstenção"

Veloso), podem traduzir também certas contradições no seio da direita. Não se apresentam com grandes perigos, pois, não dispõem de apoios políticos. Tudo indica, aliás, que venham a ser sacrificadas à necessidade de concentração dos votos conservadores, mas não deixará de ser importante verificar até que ponto é que as declarações de independência e determinação desses candidatos se manterão, até onde resistirão às pressões ou as propostas dos seus rivais mais fortes...

— Finalmente, outra questão. A questão da abstenção, ou melhor, a luta contra a abstenção aparece como um dos objectivos essenciais da tua candidatura quer na Resolução da Conferência Nacional quer na Declaração da candidatura. É um problema de certa forma novo ou que, pelo menos, se coloca de forma nova relativamente a anteriores actos eleitorais.

— Devemos, na realidade, estar muito prevenidos em relação ao falatório que se faz na generalidade da comunicação social — mas, se bem virmos, inspirados pela comunicação social da direita — em tomo da questão da abstenção.

Desta vez, a direita parece interessada em incrementar e impulsionar a abstenção. Não mostra nenhum empenho em que se realizem as normais e legais actuações oficiais no sentido de desencorajar

### "Em matéria de «troca-tintas», tenho boas razões na minha experiência política dos últimos anos para não reconhecer ao dr. Mário Soares qualquer autoridade como acusador"

a abstenção: por exemplo, na Comissão Nacional de Eleições essa actuação tem sido clara, criando obstáculos aos projectos nesse sentido, com argumentos pseudo-habilidosos do estilo que "as pessoas já sabem, as pessoas já estão convencidas".

O objectivo é por demais claro. Considerando que na primeira volta o candidato vencedor imediato, sem recurso a segunda volta, existirá se obtiver mais de 50% dos votos validamente expressos e estando a direita convencida que o seu candidato tem à partida assegurada uma grande massa de votação, trata-se de fazer "render" ao máximo essa massa, diminuindo o número de votos expressos e assegurando a dispersão dos restantes por vários candidatos.

Mais concretamente: se admitissemos a hipótese praticamente impossível de o general Soares Carneiro vir a ter a totalidade dos votos que teve a "AD" em 5 de Outubro e se a abstenção fosse a mesma, Soares Carneiro obteria 47% dos votos, o que obrigaria a realizar-se uma segunda volta que poderia conduzir à concentração de votos no candidato que estivesse mais bem colocado para o derrotar; mas bastaria que a abstenção aumentasse 5% (isto é, votassem 80% dos eleitores) para, se essa abstenção atingisse essencialmente as forças democráticas, os votos "AD" passarem a constituir cerca de 51% dos votos expressos, o que asseguraria a vitória na primeira volta.

Soares Carneiro não terá essa votação, mas isto

serve de imagem talvez, como um grande alerta para o combate à abstenção no campo democrático.

A direita tudo tem feito para fomentar o fenómeno da abstenção no seio das forças democráticas, e isto não tanto em função das candidaturas esquerdistas (que desempenham também um importante papel de diversão e confusão), mas essencialmente em função da grande manobra de diversão que foi lançada por Mário Soares. O ataque do secretário-geral do PS ao candidato que evidentemente tem maiores possibilidades de derrotar o da direita semeia confusão, dúvidas, inquietações que podem vir a traduzir-se num estado de espírito de desmotivação, de desinteresse eventualmente traduzido numa não ida às urnas.

A forma de combater esta operação da direita é, por um lado, desmistificá-la, como estamos fazendo; por outro lado, desmascarar o significado das candidaturas esquerdistas e o sentimento de perturbação que podem provocar no eleitorado e submetê-los a uma crítica clarificadora a posição de Mário Soares. Finalmente, é essencial apontar

com muita clareza o que está em causa, o que está em jogo nestas eleições.

— Como encará as possibilidades da nossa campanha?

— A Conferência Nacional definiu com muita clareza que a nossa campanha tem de ser essencialmente uma grande campanha de esclarecimento, um intenso trabalho de esclarecimento.

Naturalmente que esta acção se dirigirá em boa medida ao eleitorado do PCP e da APU mas, nas circunstâncias presentes, a nossa candidatura pode desempenhar um papel muito importante na consciencialização e mobilização de uma zona muito vasta do eleitorado do PS e da FRS que está perturbada com a crise aberta por Mário Soares. Para além disso creio também que a candidatura do Partido é importante — decisiva mesmo — para desmascarar, desmistificar a candidatura do general Soares Carneiro e designadamente para refutar uma certa reabilitação dessa candidatura que é intencionalmente feita por Mário Soares, como foi concretamente o caso de declarações que fez na última entrevista na TV.

A grande capacidade de organização, de militância, de dedicação do nosso Partido constituem

garantias de um trabalho intenso e produtivo, mas penso igualmente que o amplo e democrático debate que em toda a organização se travou em tomo da actual situação e que conduziu à definição da orientação traçada equiparam solidamente o Partido e todos os militantes para as tarefas de esclarecimento e propaganda que nos esperam. Nenhuma força política portuguesa arranca para esta batalha eleitoral com a unidade, a clara consciência da situação e dos perigos, a visão lúcida e objectiva das possibilidades reais de derrotar a reacção e defender a democracia, o empenhamento, a determinação e confiança que resultaram da análise colectiva efectuada em todas as organizações e que são um cunho permanente dos comunistas e do seu Partido.

Julgo que temos todas as condições para cumprir os quatro objectivos fundamentais que foram traçados para a nossa candidatura: conduzir uma campanha de esclarecimento da opinião pública acerca da situação política e da importância das eleições presidenciais; contribuir activamente para a mobilização do eleitorado antifascista, lutando contra a abstenção de democratas, com vista à derrota do candidato da reacção Soares Carneiro; contribuir para criar condições mais favoráveis à unidade dos trabalhadores, das forças democráticas e antifascistas e à luta do povo português na situação resultante das eleições presidenciais; contribuir para o reforço do PCP, que tem um papel fundamental na defesa da democracia.

esquerdistas são votos perdidos em projectos que não fazem o reforço da

publicou um compromisso tácito ou não o afirmar ou insinuar (de acordo com o que já vinha sendo a campanha dos candidatos reacçãoária) uma imagem de

de «troca-tintas», tenho boas razões na minha experiência política dos últimos anos para reconhecer ao dr. Mário Soares qualquer autoridade como acusador!

que tem sido trazido a público pelo dr. Soares há muita insinuação, mas completa e exacta. Isto torna aliás ainda mais claro o injustificado privilégio de que o dr. Soares desfrutou com aquela sua ida à TV: de qual é a situação na RTP, qual é a situação da direita exercendo actualmente sobre o interesse da reacção nas atitudes da campanha do dr. Mário Soares resulta ainda

tem denunciado com toda a clareza a candidatura do general Soares Carneiro e a reacção da República pode abrir as portas para a alteração do regime democrático que pode ir até à sua destruição e ao estabelecimento de uma nova ditadura. Há que ter, mesmo no campo democrático, em mente esta conclusão...

quanto a nós e sem qualquer margem de dúvida, a conclusão que se impõe e que constitui os pontos essenciais da definição da nossa campanha geral quer na própria caracterização do candidato do Partido.

é importante sublinhar dois factores. Em primeiro lugar e como já referi — a eventual eleição do candidato "AD" à Presidência da República seria a mão de uma camarilha de direita

o general Eanes tem traços positivos e o general Eanes não veio igualmente a nós e tínhamos em

os monopólios, com os latifundiários e o capitalismo, com todos os interesses que se baseiam no apoio e os usufrutuários do Estado, a totalidade do poder político.

o problema não reside apenas aí: a própria candidatura da reacção tem como objectivo o vasto aparelho repressivo através das Forças Armadas e das Forças

# 17 depoimentos que dão o perfil de S. Nicolau – o Tarrafal angolano ou a «colónia de férias» de Soares Carneiro

Na edição da passada segunda-feira do matutino «Correio da Manhã», um senhor L. Monteiro gasta uma compacta página de prosa daquele diário da direita dirigido por V. Direito a traçar o perfil do candidato da «AD», Soares Carneiro. E a primeira constatação curiosa que se pode extrair de tal perfil é o de limitar-se a elogiar a acção de Soares Carneiro ao serviço da administração colonial portuguesa em Angola, primeiro como governador do distrito de Lunda e, depois, como secretário-geral de Angola. Mas outra constatação tem de se fazer: a inevitabilidade de falar do Campo de S. Nicolau – o Tarrafal angolano – a propósito de Soares Carneiro. É certo que, nesse «perfil», já não cabe a infâmia de considerar tal prisão do regime fascista-colonialista – como pretende Soares Carneiro – assim como uma espécie de colónia de férias ou uma fazenda agrícola em que tudo corria pelo melhor dos mundos. O autor reconhece que, para S. Nicolau eram enviados entre outros aquilo a que chama «reclusos arguidos de actividades políticas do Estado». Mas, mais adiante, afirma que «parece oportuno referir ainda que a vida destes reclusos decorria em relativa liberdade e era quase desnecessária a vigilância»; acrescenta o traçador do «perfil» que, por o ambiente ser favorável, «os guardas andavam normalmente desarmados»...

Soares Carneiro foi, ao nível da hierarquia colonial que o fascismo português instaurou em Angola, uma das suas principais figuras, uma espécie de primeiro-ministro do governo local. Nada nem nenhuma manobra do tipo da do perfil traçado no «Correio da Manhã» conseguem iludir a realidade nem alijar as responsabilidades de quem hoje é candidato à Presidência da República do Portugal saído de Abril, do Portugal que destruiu para sempre os Tarrafais

e quejandos. O absurdo de tal manobra é o mesmo que considerar que Salazar não tinha responsabilidade por Caxias, Peniche, Tarrafal...

O que acontece é que Soares Carneiro mudou o seu discurso: o que era o campo de S. Nicolau é hoje, na sua boca, uma colónia de férias. Hoje, até já fala em defender as minorias e proteger os direitos da oposição. Hoje, até já nem concede aos comunistas o «privilegio» que lhes foi «generosamente concedido» por Salazar de terem que lutar na clandestinidade pelas liberdades democráticas. Soares Carneiro quer, hoje, protegê-los os direitos daqueles que os seus superiores hierárquicos consideravam as batatas podres da sociedade, que iam para S. Nicolau acabar de apodrecer.

O discurso mudou. Quanto aos métodos, não sabemos. E porque não queremos experimentar de novo, a derrota do candidato da «AD» é a exigência da hora presente.

Não podendo já negar a existência de S. Nicolau enquanto terrível campo de concentração do colonialismo português para liquidar patriotas angolanos, a nova tática consiste em doirar a pilula. Mas a pilula da realidade é demasiado negra para aguentar a verniz do oiço da mentira.

Os 17 depoimentos que se seguem foram prestados a uma Comissão de Inquérito formada depois do 25 de Abril, que ouviu angolanos que passaram por esse campo implantado no deserto. São 17 acusações concretas de quem sofreu na carne a relativa liberdade de que, ignominiosamente, fala o sr. L. Monteiro, ao traçar o perfil de Soares Carneiro. Tais depoimentos encontram-se publicados em livro.

## I – As batatas podres de Rebocho Vaz

Depois de visitar-nos, o senhor governador-geral (\*) mandou-nos sentar. Disse ele: «Vocês vieram aqui pelo seguinte... Algum de vocês já trabalhou num armazém de géneros? Claro, se algum de vocês já trabalhou como servente de armazém de géneros alimentícios, sabe o que acontece quando num saco de batatas apodrecem três batatas ou quatro? O que é que se faz? É despejado, escolhe-se aquelas batatas podres e deita-se fora para não apodrecer o resto. É isto. É como vocês. As batatas podres são deitadas fora para não fazer apodrecer as outras batatas. É como vocês. Temos quatro milhões de angolanos neste espaço de terra maior e vocês são dos tais que queriam fazer apodrecer a todos. Resultado: são escolhidos para serem deitados fora, para não apodrecer as outras batatas. Este é o vosso destino. Se quiserem viver mais ou menos, comportem-se regularmente. Fora disso, isto é convosco». Terminou. Meteu-se no carro e andou.

(\*) Rebocho Vaz

## II – O exemplo das orquestras nazis

Acontece que todos os domingos tínhamos que, sob coacção da guarda, marchar com cânticos, desde o edifício do hospital, que fica a cerca de oitocentos metros ou mais, até ao chamado «palácio». Tínhamos de marchar do hospital ao «palácio» com cânticos, todos eles tendenciosos, evocando situações agradáveis para o campo e, claro, se houvesse alguém que destoasse, se houvesse, por exemplo, alguém que cantasse um pouco mais baixo, era o suficiente para pôr toda a malta a marchar no campo, marchar esse que durava muitas vezes a manhã toda.

## III – A rima era óptima

«Vamos todos contentes / hastear a bandeira / S. Nicolau é óptimo...»

## IV – Não tínhamos nada

Desde a data da minha chegada até 19 de Setembro de 1969 estive no cercado de arame farpado. Habitava, nessa altura, numas casernas feitas de pau-a-pique, cobertas de capim, em baixo e em cima. Eram casernas péssimas, de tal modo que, sempre que chovesse, preferíamos ficar de fora, sem qualquer amparo, pois a água que escorria, lá dentro, do tecto de capim podre, deixava-nos num estado lamentável. No campo de S. Nicolau não tínhamos cama, não tínhamos esteiras, não tínhamos nada.

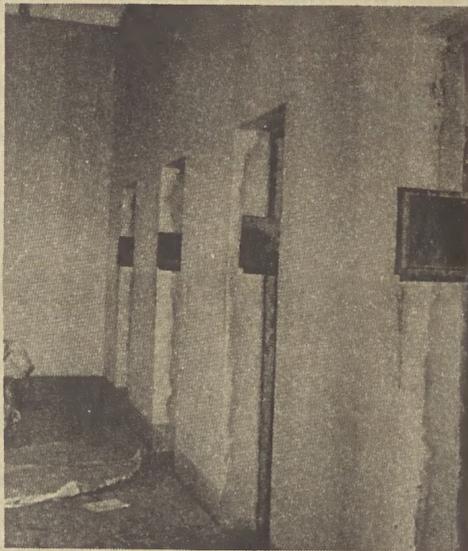
## V – Um buraco que é a latrina

Era uma caserna onde tinha à volta de duzentas pessoas lá dentro; onde há um buraco que é a latrina. Uma caserna com duzentas pessoas lá dentro, com um buraco lá dentro, onde estão todos cheios de diarreia e nem tomam banho! Não tínhamos água. Eu, pelo menos fiz seis meses que não sei o que era tomar banho. A água era racionada: uma caneca. Calor era fogo! Vivemos naquela caserna à volta de

duzentas pessoas, com um buraco lá dentro que servia de latrina.

## VI – Debaixo do chicote

As quatro acordávamos para a formatura. As cinco era para estarmos já a trabalhar nos campos: capinar, abrir valas, abrir buracos e estradas, sempre debaixo do chicote. O meu



Para lá destas portas, as geleiras, o que significava o sofrimento, a tortura, quantas vezes a morte



sofrimento foi sempre assim, debaixo do chicote. Como eu, muitos dos meus irmãos, debaixo de porrada até fazer um ano certo. Depois de um ano é que saíamos para as secções de obras.

## VII – E põem o prego

O chicote são esses rabos de boi. Depois fica seco e eles atam e amarram na ponta também, e põem o prego para começar a bater.

## VIII – Na «geleira»

Havia vários processos para matar os indivíduos: um deles era deixá-los morrer à fome. Punham-nos numa cela chamada «geleira», uma cela disciplinar. «Geleira» porque, enquanto o indivíduo permanecesse lá dentro, tinham sempre as torneiras abertas e, portanto, aquilo era húmido. A pessoa estava sempre encharcada. Era uma cela com dimensões, sinceramente, que só vistas... Muito pequenas... Quer dizer, é um quartito onde uma pessoa sentada não pode estender as pernas. Mais ou menos um metro de comprimento e, de largura, a mesma dimensão, tendo a altura normal. Geralmente, os desterrados passavam lá o tempo sentados na pia.

## IX – Trabalhar para castigo

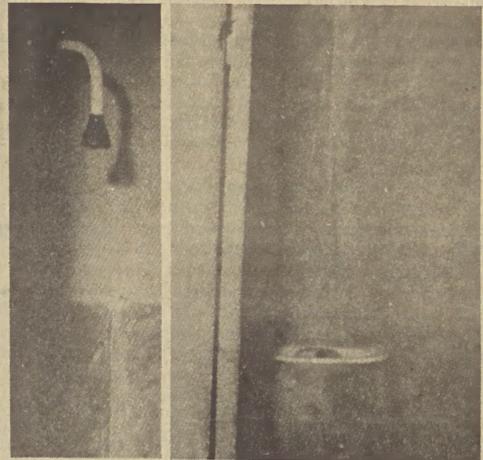
Muitos trabalhos eram só para castigo, por exemplo cavar terra. Se chegar lá, pode ver um monte de terra que deve ter uns mil metros e a altura de uma casa. Outro exemplo: montar uma linha de caminho de ferro para transportar pedras. No fim de tudo feito, o trabalho é desprezado. Mudamos a terra para outro lado. Ao mesmo tempo havia outros fazendo montões de pedra. Depois de fazer um montão de pedra, transportavam a mesma pedra para outro lado. Era somente para castigo.

## X – Um ano bebendo água da sanita

Abre-se a torneira das sanitas e recolhe-se por baixo a água para se beber. Nessas celas, ficavam encerrados indivíduos mais de um ano...

## XI – Só com a roupa com que entravam

Havia ocasiões em que fazia muito frio e, mais, era interdito a entrada de qualquer tipo de agasalho. Casos houve de indivíduos que foram lá parar e em que nós, seus

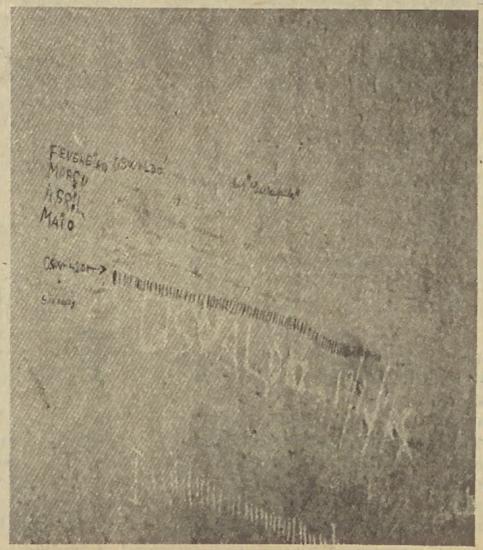


O chuveiro comandado do exterior e a sanita de onde se tirava a água para beber!

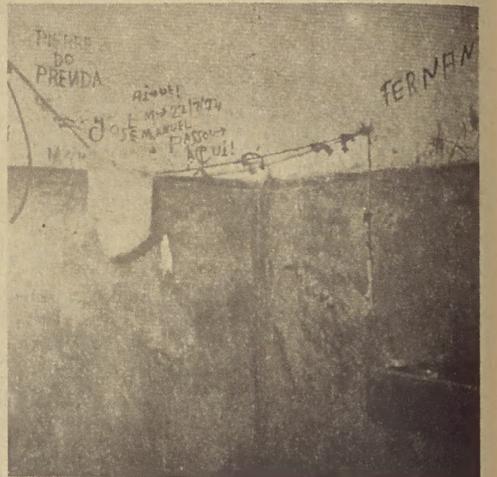
companheiros, reuníamos cobertores para lá irmos levar, inclusive artigos de higiene, mas cuja entrada era recusada. Dormiam só com a roupa com que entravam.

## XII – Seis palmos por três

A «geleira» era uma cela muito pequena, com cerca de seis palmos de comprimento e três de largura. Do tamanho de uma retrete. Tinha um chuveiro e uma pia. O espaço era apenas o suficiente para me sentar. Foi o momento em que eu próprio maldisse a minha altura. Tenho um metro e setenta e cinco. Podia-me pôr de pé. Aquilo tinha altura suficiente para isso. Mas deitado, mesmo em diagonal – que era a posição que me oferecia um pouco de comodidade – não conseguia estar. Estive assim quinze dias.



Quantos dias sem agasalhos nem alimentação!



Interior de uma cela colectiva, onde chegavam a estar cerca de 200 presos

## XIII – As palmatoadas

... E eles deram-me cerca de trezentas palmatoadas, coisa que apanhei nas mãos, nos pés e até no rabo. Tinham-me mandado arrear as calças, tirar os sapatos. Primeiro foi as mãos, depois nas solas dos pés e, mais tarde, mandaram-me arrear as calças, deitar no chão...

## XIV – Começar tudo de novo

... Se tivesse que apanhar quatrocentas ou quinhentas palmatoadas e, ainda que faltasse uma apenas, se tentasse fazer o gesto e ela falhasse, ou até se gritasse, sabia imediatamente que, a partir daí, ele se tinha esquecido do número. Era hábito dele, quando as pessoas gritavam ou faziam qualquer gesto, e começava tudo de novo.

## XV – Mil palmatoadas antes da morte

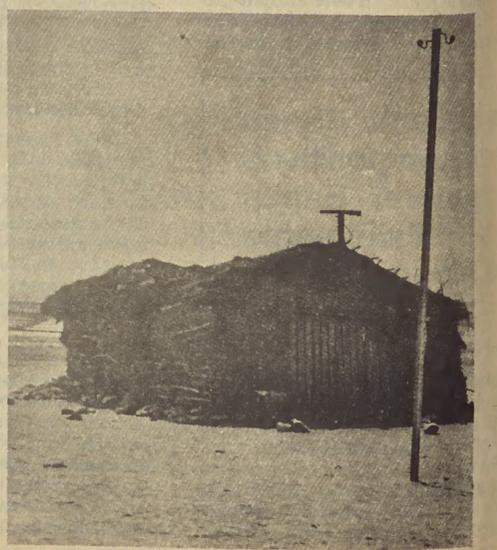
No meu tempo verificou-se ainda a morte de Felisberto Augusto. Esse era um desterrado que, em sessenta e nove, foi acusado por um companheiro de que havia proferido palavras injuriosas. Foi submetido a um castigo de mil palmatoadas, cobráveis em cinco dias consecutivos, e sujeito a cela, «geleira», sem direito a alimentação. Passados oito dias declarou-se-lhe uma doença. Continuou, entretanto, na mesma cadeia, durante cerca de um mês e, porque o seu estado de saúde piorasse de dia para dia, foi tirado da prisão. Esteve fora, apanhando tratamentos lá no hospital local, na enfermaria de S. Nicolau. Como ele não tivesse melhorias nenhuma, foi então enviado para Moçâmedes, onde veio a falecer, em 1970, no hospital.

## XVI – A zanga da D. Ângela

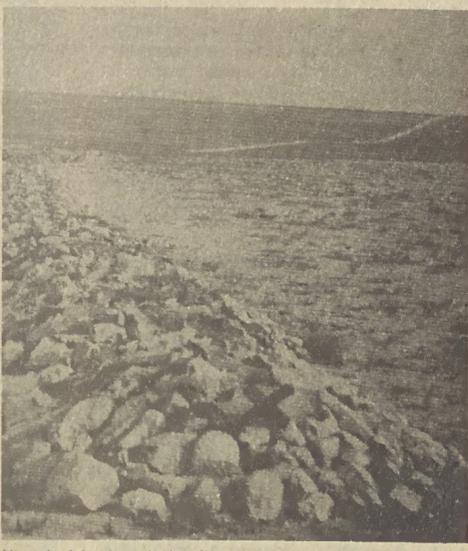
Houve dias até que se o sr. Lima não castigasse ninguém, a D. Ângela zangava-se com o marido por não ter batido. A D. Ângela estava no seu palácio lá em cima. O posto administrativo era cá em baixo, onde era a secretária do director. D. Ângela chegava a deslocar-se lá da sua residência para um pouco mais perto, lá no alto, e, daí, punha-se a escutar... a ver se realmente sentia alguma coisa a soar com muita força, que dissesse respeito a palmatórias...

## XVII – Café e amendoim como refeição

Primeiro, não me deram comida durante um dia. E eu, convencido de que eles se tinham esquecido, batia continuamente à porta, a pedir ao guarda, dizendo-lhe que os homens se haviam esquecido e que não me haviam levado a refeição. Eles diziam sempre: «Aguenta um pouco, porque isso vai resolver-se já». Eu é que não sabia que passavam por ali indivíduos que ficavam sem comer e que os matavam assim. Porque se eu soubesse de antemão, teria ficado alarmado. Mas, ao segundo dia, apareceram os indivíduos que faziam as refeições, ou antes, a distribuição das refeições lá, e que eram também presos. A primeira refeição que me deram foi café com ginguba (\*) torrada. Deviam ser cerca de dez a quinze bagos de ginguba torrada. (\*) Amendoim



Isto era a Igreja do Campo de S. Nicolau



No princípio da colonização, neste deserto, foram deixados os padrões. Agora amontoam-se as pedras debaixo das quais o fascismo escondeu as vítimas de S. Nicolau

# Lixo de Lisboa faz lixeira na Amadora

Todos os dias os lisboetas colocam na rua cerca de novecentas toneladas de lixo. Com a indiferença do gesto habitual o cidadão deixa nos contentores os detritos caseiros, confiando que os serviços camarários se encarregarão de lhe dar um destino. Mas que destino é dado aos lixos da cidade? Até há cerca de dois meses a Estação de Tratamento de Lixo de Beirolos garantia a transformação de cerca de 350 toneladas. Agora a Estação parou completamente e o lixo da capital está a ser "exportado" para o concelho da Amadora onde é depositado num local conhecido pelo vazadouro da Boba, sem ser sujeito a qualquer tratamento, feito um enorme foco de poluição atmosférica e dos recursos aquíferos, ameaça séria à saúde das populações dos concelhos próximos.

A Estação de Tratamento de Lixo de Beirolos foi instalada em 1972, estando preparada para fazer o tratamento dos lixos através de um processo de compostagem, que consiste na transformação dos lixos num produto posteriormente utilizado como corrector orgânico na agricultura — fertumus. Alguns anos depois da sua entrada em funcionamento, deficiências técnicas reduziram a capacidade inicial da Estação de 700 toneladas por dia de tratamento de lixo para apenas 350 toneladas. As condições técnicas continuaram a agravar-se acabando por chegar a um tal ponto de degradação que deixaram de oferecer condições de degumação à continuação do trabalho, levando à paralisação total da Estação. Como é possível chegar-se a semelhante situação é certamente a primeira questão a colocar, tanto mais que não é necessário ser-se especialista para entender que os lixos de uma cidade com a dimensão e as características de Lisboa exigem uma forma de tratamento avançada e moderna do ponto de vista tecnológico.

Quer isto dizer que as soluções mais ou menos artesanais — como o vazadouro da Boba — estão definitivamente ultrapassadas e as questões sanitárias que estão envolvidas com o processamento dos lixos desde a casa até ao destino final têm de ser substituídas por outras que implicam obviamente investimentos elevados. A entrada em funcionamento da Estação de Beirolos foi sem dúvida um passo importante para a realização deste problema, embora até ao início de 1979 a recolha e transporte do lixo se efectuasse de uma forma um tanto ou quanto anárquica, sem as necessárias condições de higiene. Em 1979 iniciou-se em Lisboa um processo avançado de recolha e transporte dos lixos, através do lançamento de um projecto denominado Projecto de Plano para o Lixo de Lisboa (PPLL), que introduziu uma nova técnica — a remoção hermética, que consiste na utilização de contentores standardizados com um dispositivo que os mantém fechados, sendo a recolha do lixo efectuada por carros próprios através de um sistema automático.

A introdução deste sistema, lançado pela vereação que anteriormente esteve na Câmara Municipal de Lisboa (CML), teve efeitos positivos em largas áreas da cidade. Importa no entanto assinalar que um dos aspectos apontados como prioritários no PPLL era a recuperação técnica da Estação de Beirolos, sem a qual o destino final do lixo continuava a ser um problema grave. Não sendo uma questão nova, como se explica que só agora, quase dois anos depois da sua tomada de posse, a actual maioria da CML (AD) tenha aberto concurso para a recuperação técnica da Estação? Porquê este atraso? Porque não utilizou a CML os mecanismos de que dispunha para abreviar a resolução de tão importante problema? São questões ainda sem resposta, apesar da insistência com que têm sido postas quer na Assembleia quer na Câmara Municipal pelos vereadores da APU. O que se sabe é que a Estação de Tratamento de Lixo de Beirolos está completamente paralisada; o que se sabe é que a Estação não poderá funcionar no mínimo durante um ano e meio, só para efeitos de recuperação. Como vai ser tratado o problema do destino final do lixo da capital?

para despejar o restante lixo que a Estação não podia receber, não é um aterro sanitário. O que quer dizer que não tem quaisquer condições para receber esse lixo. Trata-se de uma antiga pedreira num local aparentemente abandonado, mas a quantidade de lixo ali depositado é de tal ordem que começa já a haver riscos consideráveis para a área. É possível ver no vazadouro os lixos a arder, devido ao processo de decomposição e fermentação da matéria orgânica que contém, a qual cria condições para se reproduzirem de uma forma acelerada determinado tipo de bactérias — mesófilas — que por sua vez produzem um certo tipo de energia interna que vai produzir uma elevação de temperatura. Uma vez ultrapassados os 70° Centígrados produz-se a autocombustão. É o que se passa no vazadouro da Boba. Esta situação cria graves problemas de poluição atmosférica da zona, onde se estão a criar condições para a proliferação de insectos que são vectores de doenças infecto-contagiosas. Com o início das chuvas a situação tende a agravar-se, pois através de um processo chamado lixiviação a água arrasta para as camadas subterráneas do solo matérias tóxicas que os lixos contêm e essas matérias, em concentrações elevadíssimas, porque se trata de uma diluição a baixas concentrações de água, podem produzir — se é que já não produziram — a inquinação dos recursos aquíferos da região. Se por acaso tais recursos aquíferos tiverem ligação com os lençóis de água que são utilizados pela Câmara Municipal de Sintra para abastecer uma parte do seu concelho, os perigos para



"Vazadouro" da Boba, na Amadora. É aqui que vem parar o lixo de Lisboa. Trata-se de uma antiga pedreira num local aparentemente abandonado, mas a quantidade de lixo ali depositado é de tal ordem, que começa a haver riscos consideráveis para a área

a saúde das populações são evidentes. Para além destes aspectos há ainda a referir o problema criado aos trabalhadores da Estação de Tratamento de Lixo de Beirolos, que não só estão a receber os seus salários com bastante atraso como não têm qualquer garantia dos seus postos de trabalho, uma vez que se desconhece como vai ser feita a reestruturação da Estação e em que moldes vai funcionar depois. O silêncio da Câmara Municipal de Lisboa sobre estas questões é preocupante. O problema do tratamento do lixo, como de resto todos os grandes problemas da cidade de Lisboa, não poderá ser resolvido no âmbito

meramente concelhio. Exige uma solução procurada dentro de uma perspectiva regional. Se todos os concelhos limítrofes de Lisboa se debatem com idêntico problema (Amadora, Sintra, Oeiras, Loures); se a solução adequada desse problema exige investimentos elevados, porque não conjugar esforços para encontrar a breve prazo soluções para o destino final dos resíduos sólidos da grande Lisboa? É sabido que as Estações como a de Beirolos, que utiliza a tecnologia da compostagem, só são rentáveis a partir de uma produção de mais de trezentas toneladas de lixo por dia. Ora a área da grande Lisboa produz já hoje lixo suficiente para, em

agrupamentos de concelhos, ter duas ou três estações de tratamento de lixo. Se se avançasse para uma solução de conjunto não só se resolveria eficazmente o problema do destino final do lixo como seria possível fazer o aproveitamento tão completo quanto possível do que o lixo pode dar à sociedade. O lixo fonte de riqueza

A sociedade de consumo leva as pessoas a pretender consumir cada vez mais e, portanto, a rejeitar também cada vez mais. Pelo que a sociedade tem de se preparar para dar um destino àquilo que rejeita. Existem técnicas avançadas que permitem aproveitar quase integralmente os detritos sólidos, transformando o que se deita fora numa nova fonte de riqueza. Assim, por exemplo, é já corrente a recuperação de sucatas, ferrosas e não só, de papéis, plásticos, para além da valorização da matéria orgânica até ao seu pleno aproveitamento como corrector orgânico. Este último aspecto é tanto mais importante quanto se sabe que os terrenos portugueses são extremamente ácidos, precisando por isso de serem muitas vezes corrigidos em termos de conteúdo de matéria orgânica, antes de poderem ser utilizados para a agricultura. Mas dos lixos ainda se aproveitam outros produtos



Entretanto a Amadora, transformada em lixeira da capital, enfrenta problemas com o seu próprio lixo

**Pôr o lixo à porta do vizinho**  
Levar o lixo de Lisboa para o vazadouro da Boba, na Amadora — que por sua vez leva o seu lixo para o concelho de Oeiras — é como varrer a casa para o quintal do vizinho. Cria má vizinhança e não resolve o problema. No caso presente, a paralisação da Estação de Beirolos transformou-se num problema sério, na medida em que tem implicações de natureza sanitária e laboral. Sanitária, porque o lançamento no destino final dos lixos é feito num local que não está minimamente preparado para esse efeito. O vazadouro da Boba, que é utilizado já há alguns anos



Estação de Tratamento de Lixo de Beirolos. Instalada em 1972, garantia a transformação de cerca de dois meses. Presentemente encontra-se totalmente parada e não poderá funcionar, no mínimo, durante ano e meio

## A «velha» nova da época: — Falta o leite!

Todos os anos, no início do Outono, os jornais repetem a mesma (velha) nova: falta o leite! A população ganha as ruas mais cedo, forma longas bichas à porta dos postos da UCAL e dos supermercados. E invariavelmente, todos os anos, esta situação prolonga-se até Fevereiro com desespero dos consumidores e rios de tinta correndo sobre o assunto.

No imediato, a razão é simples: com a modificação sazonal das condições climáticas, há menos pastos à disposição do gado produtor, donde uma quebra cíclica da produção. Em termos mediatos, a causa da falta de leite encontra-se, de facto, na ausência de um sistema de compensação à quebra de pastos. Há anos e anos que se fala da necessidade urgente de criar tal sistema de compensação, se estuda, se escreve sobre o problema e tudo continua na mesma, ou antes, agravando-se. Em virtude da baixa da produção, o fornecimento do leite a Lisboa decaiu de Outubro a Fevereiro de forma significativa: a UCAL, que detém o exclusivo da distribuição de leite fresco a Lisboa, tem assim de recorrer a leite vindo da Beira, da Lacticoop, que diariamente lhe vem

fornecendo 100 mil litros. Nos meses de alta produção, este fornecimento é unicamente de 30 a 40 mil litros diários, na medida em que as cooperativas associadas na UCAL chegam a produzir cerca de 12 milhões de litros, em Maio, 11,7 milhões, enquanto em Setembro produzem apenas 9,5 milhões e em Outubro ainda menos. É verdade que sempre se vai encontrando leite em pacotes de cartão... Mas não será com o fornecimento deste leite, que chega ao consumidor a 19500 (enquanto o da UCAL é a 11500 o litro), que se aumentará o consumo do leite no nosso país, que permanece um dos mais baixos de toda a Europa: não atingiu, em 1976, um decilitro e meio por dia e por pessoa. Aliás, quanto ao incremento do consumo de leite é interessante salientar mais uma das múltiplas formas da demagogia eleitoral do

Governo "AD". Na RDP, por exemplo, foi transmitido e retransmitido o "apelo" do Governo à população: consumi mais leite! Para isso, diz o Governo, "o Estado subsidia o produtor e o consumidor". Como se tal fosse obra deste Governo! Como se este Governo planeasse outra política que não fosse a da ruína de pequenos e médios agricultores com a entrada na CEE! Como se este Governo cuidasse, ao menos, de impor uma efectiva fiscalização para impedir o actual contrabando de leite para Espanha. A notícia publicada na semana passada referia-se a declarações do presidente da Lacticoop, que denunciou a saída ilegal de contingentes de leite para Espanha, país onde o preço por litro é o dobro relativamente ao preço praticado entre nós. "Quebra-cabeças n.º 1" É evidente que poderá afirmar-se que com a entrada do nosso país na CEE, tão insistentemente procurada pelo Governo "AD", é possível não se verificarem as

quebras de fornecimento de leite ao consumo entre Outubro e Fevereiro. Mas à custa de quê? À custa da "ruína e consequente liquidação de perto de 80 000 explorações leiteiras", como foi denunciado na Conferência do PCP sobre a integração europeia realizada em Maio passado. Tendo em conta que a pequena exploração leiteira no nosso País é responsável por mais de 94% da produção, ou seja, tendo em conta que estes 94% da produção provêm de explorações com 4 vacas ou menos (a CEE considera que o número mínimo de vacas por exploração deve ser de 30); tendo ainda em conta a tecnologia atrasada destas explorações, donde os baixos rendimentos e os elevados custos de produção, a entrada na CEE — impondo a abolição dos subsídios — diminuiria de imediato os preços pagos ao produtor, levando-o à ruína, e aumentaria brutalmente os preços no consumo. Sendo o nosso País já deficitário em leite, agravando-se tal défice com a ruína progressiva dos produtores, sem possibilidade

de competir com os preços do leite importado, sem possibilidades de enfrentar os custos de produção com a retirada de subsídios, sucederia inevitavelmente que ficaríamos à mercê dos enormes excedentes de leite e derivados dos países da CEE. O que é motivo de grande agrado e expectativa para os ministros "comunitários", que consideram o leite como o quebra-cabeças n.º 1 da CEE ao enfrentarem excedentes cada vez mais largos: as "montanhas de manteiga", cerca de 500 000 toneladas, e os enormes volumes de leite em pó desnatado, de 800 000 e 1 000 000 de toneladas. Excedentes que persistem (aumentando mesmo) apesar do desaparecimento de 1 milhão e 500 mil explorações leiteiras na CEE só durante o último decénio... Portugal surge assim como uma "chance" para absorver parte destes excedentes... Semelhante destino nos esperaria, com a entrada na CEE, em relação a diversos outros produtos como a carne, enlatados, etc., numa palavra: tornar-nos-íamos

o "estômago da CEE", com os preços impostos pela CEE, com a ruína da produção nacional e a ruína da bolsa do consumidor. Era de facto possível que o leite não faltasse mais, todos os anos, por esta altura... Mas à custa de quê? Quando afinal a solução é possível com uma política de incentivo à produção dos pequenos e médios produtores, de estímulo às cooperativas e de criação de estruturas leiteiras (exploração de estábulos) nas

UCPs/Coop. Esta política de desenvolvimento, independência e progresso nacionais não está nos planos do Governo. Mas permanece como um objectivo de luta dos trabalhadores portugueses e das suas organizações.



edições Avante!

colecção DOSSIER

DOSSIER ANTI COMUNISMO

CDL a distribuição

## A morte de Aniceto Monteiro

Morreu António Aniceto Monteiro, um nome que pouco diz às jovens gerações do nosso País. Entretanto, este português quase desconhecido dos jovens da sua Pátria, que terminou os seus dias num país estrangeiro, foi um dos vultos maiores da nossa intelectualidade progressista, um cientista de renome mundial a quem o regime fascista obrigou a procurar na emigração um campo de actividade. Aniceto Monteiro, um investigador destacado das ciências lógico-dedutivas ainda recentemente incluído entre os dez melhores investigadores do mundo contemporâneo naquele ramo das ciências, fez parte de uma pléiade de jovens intelectuais portugueses que

na segunda metade dos anos trinta e na primeira da década de quarenta tomou parte activa na luta contra o regime fascista de Salazar. Identificado com os objectivos do movimento operário em Portugal, cedo se identificou também com os princípios do marxismo-leninismo. Com Bento de Jesus Caraça e outros destacados cientistas participou activamente na luta contra a fascização do ensino, por uma Universidade nova ao serviço do seu Povo e do seu País. O advento do nazismo na Alemanha, a guerra civil espanhola, o começo da segunda guerra mundial, a invasão pelas hordas de Hitler do primeiro Estado socialista do mundo

— a União Soviética — agravaram a opressão fascista em Portugal, puseram ante todos os antifascistas portugueses uma opção fundamental de luta para a sobrevivência dos ideais democráticos e aos revolucionários a defesa dos valores universais do novo humanismo nascido com a Grande Revolução de Outubro. O trabalho de esclarecimento das grandes questões da actualidade histórica mobilizou na época a jovem intelectualidade portuguesa ao mesmo tempo que nas fábricas e nos campos, sob a orientação do PCP, condenado a uma feroz clandestinidade, crescia e se organizava o movimento operário

e popular que iria dar o impulso decisivo ao movimento antifascista. Aniceto Monteiro participou activamente nesse trabalho. Expulso da Universidade com quarenta dos mais destacados professores e cientistas, teve de emigrar em 1945, e na Argentina e outros países da América do Sul pôde dedicar-se com toda a sua exelsa capacidade à investigação científica. A ciência perde um homem de valor e o nosso País um dos filhos mais ilustres que no PCP encontrou a força capaz de inspirar e guiar a causa do progresso em Portugal. A família de Aniceto Monteiro aqui fica o pesar dos comunistas portugueses.

## Cooperativa «1.º de Maio» — festa de fim do ano agrícola

O encerramento do ano agrícola 79/80 é motivo da Festa que no próximo sábado se realizará na Cooperativa «1.º de Maio» em Avis. Na realidade, dado a brutal intensificação da ofensiva contra a Reforma Agrária, os resultados alcançados a nível de produção assumem um particular significado: o da resistência e capacidade de organização e planificação dos trabalhadores mesmo em condições profundamente adversas. Daí que festejar estes resultados seja festejar a combatividade dos

homens e mulheres da Reforma Agrária, seja reunir novos estímulos para uma defesa difícil, urgente das UCPs/Coop, ainda mais ameaçadas com a vitória das forças da reacção nas passadas eleições. Mas não somente os resultados a nível produtivo constituem ocasião para esta jornada de unidade. As obras de carácter social, nomeadamente as creches, os equipamentos e as oficinas, que estarão à disposição dos visitantes, através de visitas guiadas, são ainda uma outra razão

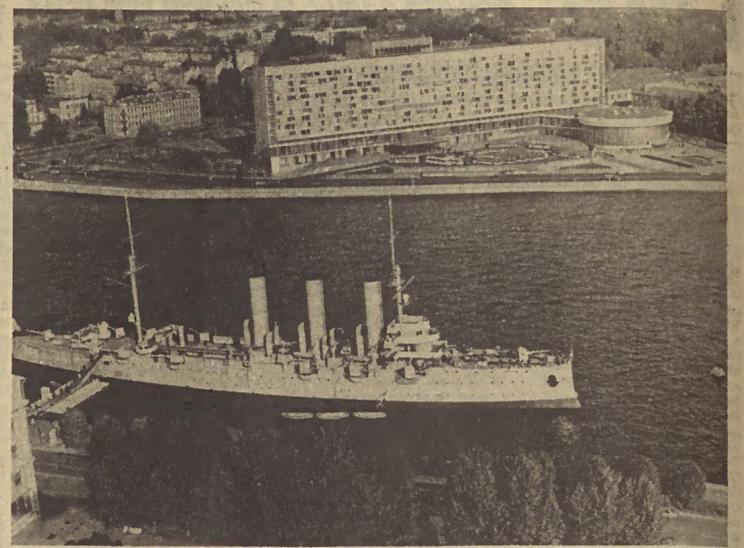
da defesa determinada dos trabalhadores da Reforma Agrária. O programa da Festa inclui exposição de gado, máquinas e alfaias agrícolas, a actuação de ranchos folclóricos e de uma banda de música que percorrerá as ruas de Avis, Alcorrego e Maranhão, canto livre e baile. Haverá intervenções políticas abordando fundamentalmente o aumento da produção e a unidade dos trabalhadores na perspectiva da defesa da Reforma Agrária nas actuais condições políticas.



Desfile do Exército Vermelho, em Moscovo, poucos meses após a Revolução de Outubro



Lenine e sua mulher, Nadia Kroupskaia



Foi do cruzador "Aurora" (hoje transformado em museu) que sou o tiro de canhão que deu o sinal de assalto ao Palácio de Inverno, em Leninegrado, sede do governo provisório burguês, em 1917

# O significado e o alcance da Revolução de Outubro

Há 63 anos, em 7 de Novembro de 1917 (25 de Outubro, segundo o antigo calendário russo), o triunfo da Revolução de Outubro na Rússia, instaurou na cena mundial o primeiro Estado socialista. Considerada como acontecimento maior do nosso século, a Revolução de 1917 marca um dos grandes saltos históricos: a Humanidade, na fase capitalista do seu desenvolvimento, e depois de ter passado pelos sistemas comunitário primitivo, escravagista e feudal, iniciava a etapa do socialismo.

Para construir o primeiro Estado socialista, Vladimir Lênine, o principal obreiro da Revolução, estudou profundamente e desenvolveu as teorias marxistas, que Karl Marx e Friedrich Engels construíram e aprofundaram, no século passado, como expressão teórica dos interesses vitais da classe operária e ciência da transformação do mundo. Antes de consolidar definitivamente na nova via socialista, a Rússia (União Soviética a partir de 1922) teve que vencer resistências enormes, internas e externas, incluindo tropas invasoras das principais potências capitalistas. Winston Churchill reconheceu repetidas vezes o seu propósito de "estrangular o bolchevismo à nascença". E só em 1922, o território russo foi libertado das tropas estrangeiras e contra-revolucionárias. Com a derrota do nazi-fascismo, na Segunda Grande Guerra,

produziram-se mudanças de vulto na arena mundial que conduziram à criação de um bloco socialista. O exemplo da União Soviética alastrava a outros países, constituindo-se um grupo de Estados que, no seu conjunto, iriam ter um peso cada vez maior nas decisões internacionais globais. Posteriormente, durante o período da descolonização, muitos países fugidos à esfera de influência das potências coloniais, optaram, também, por uma via socialista de desenvolvimento.

### Os grandes percussores

O surgimento do socialismo científico foi preparado por determinadas condições sociais e por todo o curso do desenvolvimento do pensamento social. A sua fonte teórica directa foram as doutrinas de três grandes utopistas: os franceses Henri Saint

Simon (1760-1825), Charles Fourier (1772-1837) e o inglês Robert Owen (1771-1885). Eles elaboraram as suas teorias numa altura em que o proletariado começava a surgir no palco da História e na sociedade burguesa se começavam a manifestar as contradições.

Os socialistas-utópicos pintaram, com grande inspiração e força artística, o socialismo, a sociedade do futuro. Eles mostravam o homem da sociedade socialista como um ser digno, possuidor de grandes capacidades criadoras e rico em talentos e dotes naturais. No entanto, o socialismo utópico não soube mobilizar os trabalhadores para a transformação revolucionária da sociedade. Não soube esclarecer o que é a escravidão assalariada, descobrir as leis do desenvolvimento, tanto do feudalismo como do capitalismo, nem indicar as forças capazes de fazer saltar a Humanidade ao estágio seguinte. Os fundadores do marxismo prestaram sempre as devidas honras aos socialistas utópicos, ao mesmo tempo que demonstravam a estreiteza histórica e classista da sua doutrina. Marx e Engels frisavam sempre o significado histórico dos socialistas utópicos, apontando

o marxismo como legítimo herdeiro das suas ideias. O socialismo científico, escrevia Friedrich Engels, apoia-se em Saint Simon, Fourier e Owen, os três pensadores que souberam antecipar genialmente muitas verdades.

### O socialismo científico

O socialismo utópico fazia a crítica da sociedade capitalista, sonhava com um regime melhor. Mas não foi capaz de mostrar os caminhos da luta contra a exploração, por uma sociedade nova. Esta tarefa foi realizada pelo socialismo científico criado por Karl Marx e Friedrich Engels e aplicado às condições concretas da Rússia, pela primeira vez na história da Humanidade, por Vladimir Lênine. Na sua obra "O desenvolvimento do socialismo da utopia à ciência", Engels caracterizou o socialismo científico como "a expressão teórica do movimento proletário" e ajuizava que os seus objectivos consistiam em mostrar as condições históricas e a origem da revolução proletária, em explicar ao proletariado "as condições e a natureza da sua própria causa". O socialismo científico apresenta-se, assim, como a ciência da

Revolução Socialista, das leis sociais e políticas da edificação do socialismo. Baseia-se na teoria filosófica e político-económica do marxismo e está-lhe organicamente ligado. Marx e Engels viram na classe operária a força que é chamada a enterrar o capitalismo e a edificar a sociedade socialista. A base da teoria do socialismo científico é a doutrina da luta de classes como força motriz do desenvolvimento da sociedade integrada por classes antagonicas.

### Alteração da correlação de forças

A Revolução Socialista de Outubro libertou do capitalismo uma sexta parte do Globo dando, ao mesmo tempo, um forte impulso à luta revolucionária no mundo inteiro. O processo de renovação revolucionária, iniciado em 1917, acabou por produzir mudanças fundamentais na estrutura social e política da Humanidade e na vida humana em geral. Sob influência da Revolução Russa intensificaram-se as lutas operárias em todo o mundo. As classes exploradas passaram a desenvolver uma actividade mais enérgica e firme na defesa dos seus direitos e para atingir os seus objectivos.

A formação do sistema socialista mundial, a consolidação das posições do movimento operário mundial e a intensificação da sua luta como classe, o desmoronamento do sistema colonial, os êxitos das revoluções nacionais democráticas e populares, a adopção da via de desenvolvimento não capitalista por parte de um elevado número de países afro-asiáticos, tudo isso significa uma alteração da correlação de forças em favor do socialismo. Entretanto, o capitalismo continua a demonstrar a sua inconsistência como sistema social capaz de resolver problemas como a garantia de emprego, a igualdade social e o bem-estar dos trabalhadores. É periodicamente abalado por crises económicas e agora energética e de matérias-primas. Continua a ser atingido pela inflação. O capitalismo mantém, no entanto, forças e potencialidades substanciais para prolongar a sua existência e procura, com todas as forças e meios, consolidar as posições enfraquecidas.

### Fruto da Revolução

O socialismo tem demonstrado as suas vantagens sobre o capitalismo em todos os domínios da vida social.

No campo da economia, por exemplo, em 1917, o peso do socialismo na produção industrial do mundo inteiro era inferior a três por cento. Em 1977 ultrapassava já 40 por cento. Em 1917, a produção industrial da União Soviética era equivalente a 12,5 por cento da produção dos EUA. Em 1977 essa taxa ultrapassava os 80 por cento. A economia socialista desenvolve-se a ritmos altos e estáveis. A economia capitalista passa periodicamente por crises e estagnações. Enquanto os países socialistas aumentaram entre 1950 e 1977 a sua produção industrial 12 vezes, os países capitalistas industrializados apenas conseguiram um índice correspondente de 3,6 vezes. Ajudando-se mutuamente os países socialistas atingiram, nos últimos anos, numerosos objectivos importantes. Aumentaram o quadro geográfico do seu sistema e o prestígio internacional. Por outro lado, a classe operária ocupa hoje uma posição-chave nos principais centros vitais do sistema capitalista. O exército do trabalho assalariado, na parte não socialista do mundo, inclui 430 milhões de pessoas e a sua força, influência e nível de organização aumentaram substancialmente. A inclinação para a esquerda é igualmente patente no

movimento sindical. Actualmente, os sindicatos discutem amplamente não só os problemas relativos aos salários, redução dos impostos e da garantia de emprego, mas também os problemas-chave do desenvolvimento económico e político, as questões da luta contra o poder dos monopólios e pela democratização da vida social. Finalmente, outra das grandes correntes revolucionárias nascidas da Revolução de Outubro é o movimento de libertação nacional. Na zona da libertação nacional realizam-se grandes transformações sociais e económicas que se podem sintetizar, em primeira análise, nalgumas tendências principais: transferência do centro de gravidade do desenvolvimento da indústria para o sector público, liquidação da propriedade feudal da terra, nacionalização das empresas estrangeiras, formação de quadros próprios. A maioria dos Estados libertados procura elevar o nível social, económico e cultural dos seus povos. E, em muitos países libertados, cresce a atracção pelas ideias socialistas, reforçam-se as posições das forças sociais que não desejam ligar o seu futuro ao imperialismo e ao sistema capitalista.

## As comemorações em Portugal

O dia 7 de Novembro - aniversário da Revolução Socialista de Outubro - é recordado este ano, em Portugal, através de uma série de iniciativas da responsabilidade da Associação Portugal-URSS.

As comemorações, centradas na República Federativa da Rússia, incluem entre outras a actuação de um conjunto cossaco de Volgogrado; uma exposição de artesanato russo; uma exposição de cartazes e uma exposição de livros.

O grupo de danças e cantares «Khopior», em Portugal desde o passado dia 28, encontra-se em digressão por todo o país - Moita, Porto, Braga, Viana do Castelo, Viseu, Guarda, Fundão, Torres Novas e Almada - actuando em Lisboa, no Teatro São Luís, no próximo dia 6.

Entretanto, em Beja, encontra-se patente ao público desde o dia 30, uma exposição de artesanato popular russo, no Salão Nobre da Câmara Municipal.

Uma exposição de livros está a decorrer em Évora, na Praça do Geraldo, desde o dia 31, prolongando-se até 8 de Novembro.

No Porto, está patente na cooperativa «Árvore», uma exposição de cartazes.

Os portugueses vão ter ocasião de apreciar originais de cerca de 100 cartazes políticos, obras de pintores de Moscovo, Leninegrado e de outras cidades da República Russa.

Além de grandes pintores como Bobentchik, Smirnov, Shan e os irmãos Hera e Alexei Kurmanaeovski, destaca-se a arte do cartaz desenvolvida pelo atelier do Instituto Superior de Artes «Surikov» de Moscovo.

Esta exposição apresenta obras de diferentes gerações e caracteriza-se por uma grande variação temática que vai desde os temas políticos ao progresso científico, à conquista do espaço, à protecção da Natureza, à defesa da criança, entre outros.

## Artesanato popular russo em Beja

Uma exposição de Artesanato russo encontra-se patente ao público no Salão da Câmara Municipal de Beja, desde o último dia 30 e permanecerá em exposição até 7 de Novembro próximo.

Ocupando uma área ao longo de 250 metros quadrados, esta é constituída por uma grande diversidade de peças, desde as tradicionais bonecas de madeira (matriochkas) às rendas e bordados tão característicos da República Federativa Russa.

### Porcelanas de Gjel na exposição de Beja

Gjel encontra-se a 60 quilómetros de Moscovo. A primeira referência a este lugar surge em documentos do czar moscovita Ivan Kalita, datados de 1339. O solo desta região, muito pobre, possui no entanto, a característica de ser rico em argila de quatro cores diferentes. No século XVII habitavam a região sete mil pessoas que se dedicavam quase na sua totalidade à olaria. Por ordem do czar Pedro, o Grande, todos os anos era transportada para a capital da Rússia argila de Gjel, onde era aproveitada para fins farmacêuticos.

Em 1751, Vinogradov, discípulo do cientista russo Lomonosov, descobriu o segredo do fabrico da porcelana: pouco a pouco, Gjel transforma-se num dos principais centros de fabrico de porcelanas da Rússia. Com a guerra, esta indústria foi largamente afectada e é em meados dos anos 60, que se assiste a um novo florescimento desta arte atingindo então uma grande envergadura. Apresentam-se em funcionamento seis fábricas de porcelana e cerâmica, onde trabalham mais de mil pessoas. A famosa «rosa de Gjel» - flor em relevo - continua presente em muitas obras actuais, como uma das muitas heranças da escola antiga. Funcionam ainda nesta região uma escola técnica de cerâmica e modelagem, duas escolas de pintura em vidro e porcelana e ainda uma escola de arte popular aplicada.

### Artesanato russo reflecte carácter multinacional da República

Os vários tipos de artes aplicadas e decorativas existentes na República Federativa Russa reflectem o carácter multinacional desta região. As particularidades da vida quotidiana e da natureza foram e continuam a ser factores importantes que determinam a designação e o conteúdo dos objectos artísticos. No período pós-revolução o círculo artístico alargou-se e a arte popular enriqueceu-se consideravelmente com novos temas.



Hoje, muitos objectos reflectem claramente as tradições históricas dos vários povos desta República, desde a reprodução e interpretação das formas artísticas, temas e motivos surgidos nos séc. XVIII-XIX - rendas de Vologda, a pintura de «ouro» em madeira de Khokhloma, os dentes de morsa esculpidos pelos povos de Tchukotka, as incrustações em metal do Baquestão, as bandeiras pintadas de Jostovo - ao novo artesanato surgido depois do poder soviético. Neste último caso são exemplo os dentes de morsa trabalhados pelos mestres de Tobol, as pinturas em esmalte de Rostov, as filigranas de Krasnoie Seló, e a escultura de animais. Depois de 1917 surgiram ainda empresas de artesanato em zonas onde estas não existiam - os brinquedos de Vologda, as tapeçarias de Kalinine, as tapeçarias de Omsk e os trabalhos em pedra da região de Krasnodar. É de realçar o facto de ser o próprio Estado o promotor das artes populares aplicadas, existindo mesmo resoluções especiais de protecção e apoio ao desenvolvimento deste tipo de artes em todo o país.



"A Mãe Pátria chama", de I. Toidse (1941), um dos cartazes patente na exposição

## Grupo folclórico «Khopior» intérprete das danças e canções cossacas

Os cossacos, primeiros camponeses que fugiram da zona central da Rússia, instalaram-se na região do rio Don há cerca de 350 anos. Longe dos grandes senhores da terra e dos chefes militares czaristas construíram aqui as suas "stanitsi", povoações fortificadas, iniciando desde logo o cultivo das riquíssimas terras virgens. Foi uma destas povoações que deu origem à cidade de Uriupiusk situada nas margens do rio Khopior, afluente do Don.

Em 1966, vários grupos folclóricos da cidade uniram-se num conjunto cossaco de danças e cantares que tomou o mesmo nome do rio. Desde o seu início que o conjunto é dirigido por Vitali Bortsov, de 43 anos, cossaco de nascimento, aliás como a maioria dos componentes do "Khopior". "Há quase quinze anos afirmou Vitali Bortsov - que recolhemos a herança folclórica dos cossacos do Don. Durante as viagens pelas várias regiões vizinhas gravámos canções e ritos antigos e registámos danças cossacas. É o caso da



Imagem característica das danças cossacas

dança "Pleten" que, hoje, faz parte do nosso repertório e que foi criada a partir da narração de um casal de 80 anos, habitantes da aldeia de Buratskaia". Não fazem parte deste conjunto artistas profissionais com excepção dos seus dirigentes. Os outros artistas mantêm as suas profissões dedicando os seus tempos livres à arte popular, o que não impediu que o grupo ganhasse fama rapidamente. Passados apenas dois anos da sua formação obteve o título "popular", que é conferido na URSS aos melhores conjuntos amadores. A partir daí, o conjunto tem recebido inúmeros prémios nacionais e internacionais, pela qualidade e originalidade com que dançam e cantam as antigas e também mais recentes canções populares cossacas. "Consideramos muito importantes os nossos espectáculos em Portugal. É um país famoso pelo seu rico folclore e por isso tivemos algumas preocupações na nossa preparação para estes espectá-

culos - declarou o director do conjunto. Queremos utilizar o tempo que passarmos em Portugal também para conhecer o povo deste país, os seus hábitos e cultura".

Esta é uma das preocupações do conjunto Khopior também na Rússia. O grupo tem uma vida interessante e diversificada, estudam as tradições populares do seu território e a arte de interpretação das canções e danças cossacas. Graças a este conjunto foram criados ainda outros grupos folclóricos rurais, nomeadamente o coro dos cossacos de Krasnianka e o conjunto de Zaburdiave "cossaca".

"Apresentaremos em Portugal um programa intitulado "serões cossacos". À noite os jovens aldeões saem para a rua e começa a festa. O espectáculo integra não só canções do século XVIII-XIX como, ainda, hábitos e ritos próprios dos cossacos do Don, declarou Bortsov. Ficaremos muito satisfeitos se as canções e danças do Khopior agradarem aos espectadores portugueses", disse ainda, ao terminar, Vitali Bortsov.

## República Socialista Federativa Soviética Russa

Neste ano de 1980 as comemorações da Festa Nacional da URSS - 7 de Novembro - são dedicadas à República Socialista Federativa Soviética Russa. Do conjunto das 15 Repúblicas que constituem a URSS é esta a de maiores proporções pois, dum total de 22 400 000 Km<sup>2</sup> correspondem-lhe 17 075 000 Km<sup>2</sup>, assim como de uma população de quase 260 milhões de habitantes pertencem-lhe 135,6 milhões, cabendo à sua capital - Moscovo - 7,8 milhões. O seu vasto território estende-se pela Europa e pela Ásia sendo extremamente variadas as

condições naturais e climáticas, desde as estepes e bosques do Norte do Cáucaso, à Sibéria e Extremo Oriente, até às ilhas do Oceano Glacial Ártico às Curilhas e Sacalina. Esta República está incluída entre os dez maiores Estados industriais do mundo. A variedade da sua produção industrial virá dos quebra-gelos atómicos com propulsores de 75 000 HP, das instalações eléctricas de 1 200 000 KW até aos instrumentos ópticos e de medição da mais alta precisão. Nela se instalam as maiores centrais hidroeléctricas do mundo, assim como centrais electroatómicas, oleodutos, gasodutos e canais navegáveis com milhares de quilómetros. A indústria desenvolve-se aceleradamente nas regiões orientais da República destacando-se a metalurgia, a extracção de petróleo e gás (Sibéria Oriental), a produção de energia eléctrica, a extracção da hulha, os complexos de industrialização florestal, etc. Desde há muito que a cultura do povo russo é sobejamente conhecida e são testemunho de tal o alto conceito merecido pelas suas instituições científicas, teatros, conjuntos artísticos, museus, etc.

Também será de destacar o seu desenvolvimento agrícola onde as 13 000 cooperativas agrícolas (kolkhoses) e 11 000 unidades agrícolas do Estado (sovkhoses) - respectivamente 20 000 e 27 000 em toda a URSS - abastecem o país de pão, carne, leite, legumes, etc., permitindo um dos mais elevados níveis de consumo per capita. Para tal, a indústria produz mais de 100 000 tipos de máquinas e mecanismos anualmente - tractores, ceifeiras, debulhadoras, etc. E ao mesmo tempo constroem-se em cada minuto 113 m<sup>2</sup> de habitação.

Semana

29 Quarta-feira 1943 - Massacre dos mineiros bolivianos da Mina Catavi

O parlamento iraniano prolonga a expectativa sobre a sua decisão relativa aos reféns norte-americanos, marcando para amanhã uma sessão pública onde o assunto será debatido. Fidel Castro, actual presidente do movimento dos não-alinhados, envia uma mensagem aos seus homólogos dos países membros sobre o conflito Iraque-Irá, afirmando que o conflito constitui um perigoso ensaio de confrontação e é contrário ao interesse da paz.

30 Quinta-feira 1817 - Simon Bolívar organiza o governo da Venezuela independente

O ministério dos NE britânico rejeita a exigência do governo das ilhas Maurícias relativa à soberania deste país sobre a ilha Diego Garcia, acrescentando que a ilha só será devolvida «quando já não for necessária no plano militar». As milícias do Partido Falangista consolidam o seu controlo sobre a parte cristã de Beirute oriental depois de esmagarem os seus rivais (também direitistas) do Partido Nacional Liberal numa guerra de rua que originou uma crise governamental no Líbano.

31 Sexta-feira 1954 - Começa a guerra pela independência da Argélia liderada pela Frente de Libertação Nacional (FLN).

O Partido Trabalhista da Jamaica, de direita e apoiado pelos EUA, vence as eleições legislativas realizadas naquele país, conquistando a maioria absoluta, as eleições e a respectiva campanha decorreram num clima de violência e desestabilização, que foi iniciado quando o governo de Michael Manley (agora derrotado) recusou as exigências que lhe foram formuladas pelo FMI.

1 Sábado 1962 - A União Soviética lança um foguetão cósmico para Marte.

Guerrilheiros da Frente Polisário anunciam que as suas forças mataram 130 militares marroquinos e capturaram grande quantidade de armas pesadas, em luta durante a passada semana. O mexicano Antonio Ortiz Mena, de 72 anos, é eleito para terceiro mandato de cinco anos como presidente do Banco Inter-Americano de Desenvolvimento.

2 Domingo 1963 - É assassinado o presidente do então Vietname do Sul, Ngo Dien.

O presidente Carter regressa apressadamente a Washington para estudar as condições apresentadas pelo Irão para a libertação dos 52 reféns americanos, mas a Casa Branca informaria que precisava de mais informações antes de tomar uma decisão.

3 Segunda-feira 1903 - Independência do Panamá.

O Ministério chinês dos NE informa que a China realizou mais um teste de míssil nuclear do país, não acrescentando quaisquer pormenores. A imprensa italiana refere que o escândalo do petróleo ameaça colocar «na corda bamba» o recém-estreado governo de Forlani, continuando a aparecer personalidades políticas e militares implicadas na fraude que custou às finanças italianas cerca de 115 500 milhões de contos (exactamente a quantia que o governo pretende recuperar com o aumento do preço da gasolina e tomando medidas fiscais.

Em vésperas da Conferência de Madrid

A Conferência de Madrid -reunião internacional da maior importância para a defesa do desanuviamento, da limitação de armamentos, da paz - deverá iniciar-se no próximo dia 11, na capital espanhola. Entretanto vivem-se evidentes dificuldades na reunião preparatória, defrontando-se basicamente dois princípios: a generalidade dos países capitalistas defende o armar os trabalhos da reunião, centrando-os no cumprimento da Acta de Helsínquia, com o objectivo evidente de utilizar tal debate, deformando o que está expresso na Acta e deformando a realidade dos factos, para fazer anticomunismo e proter decisões fundamentais no campo vital do desanuviamento e da paz; os países socialistas defendem uma equilibrada divisão do tempo entre a análise do cumprimento da Acta e as novas propostas no campo do desanuviamento, do desarmamento e a cooperação inter-europeia. Em síntese, ressalta que a comunidade socialista pretende trazer de Madrid resultados práticos, enquanto os países capitalistas pretendem reduzir a Conferência a puro debate, sem mais consequências.

Convém aqui recordar que, há três anos, em Belgrado, a conferência já se reuniu num clima internacional difícil, que os esforços que hoje os países capitalistas estão a fazer foram também então aplicados e que a Conferência não foi o pretendido fracasso, exclusivamente graças à firmeza dos países socialistas e à lucidez política de alguns dirigentes do mundo do capital. Acontece que hoje a situação internacional é bastante mais complexa do que então e se torna mais premente que nunca barrar o caminho à corrida aos armamentos, a uma política de guerra fria. Pode justamente afirmar-se que é imperioso que a Conferência de Madrid constitua um passo importante no sentido de uma abertura firme ao desarmamento. Como imperativo da paz. Como imperativo para a própria economia mundial.

Em 1979 as despesas militares, a nível mundial, tinham ascendido a 460 mil milhões de dólares (23

milhões de contos). Este ano já ultrapassaram os 500 mil milhões de dólares. Para ser mais esclarecedor: a soma gasta em armamentos num período inferior a dois anos equivale ao produto bruto anual de um país altamente industrializado como o Japão. Actualmente há mais de 50 mil armas nucleares no mundo, com um poder destrutivo mais de um milhão de vezes maior do que a bomba atómica lançada sobre Hiroxima em 1945.

Assim, para além do imenso e perigosíssimo material militar já existente, será consumido este ano, em despesas militares, um quantitativo cerca de oito vezes superior ao destinado à resolução do premente problema da energia.

É entretanto incompleta e falhada a análise que se fica por números tão gerais. Porque se a tendência do aumento de orçamentos militares fica bem patente, ela não é verdadeira para todo o mundo. Ainda em Outubro o Comando da Defesa Antiaérea da América do Norte, devido a erros técnicos, deu, por 151 vezes falsos alertas de ataques nucleares. Para além destes foram dados 3703 falsos alertas devido a perturbações atmosféricas e outros enganos.

Os factos estão aí e demonstram bem o insano perigo que pende sobre os povos quando ao crescimento da potência armamentista se une uma política - que o alimenta - de fomento de um espírito de guerra-fria. Perigo que hoje mais se adensa com a nova doutrina nuclear dos Estados Unidos, dentro da concepção de que os EUA poderão sustentar uma guerra limitada com o emprego de armas nucleares táticas.

Nos últimos dias de Outubro cerca de 50 000 pessoas desfilaram em Londres para protestar contra as armas nucleares e, em particular, contra a decisão do governo de instalar na Grã-Bretanha, até 1983,



O desarmamento é vital para a Humanidade

cento, chegando, em alguns casos, a mil por cento.

Os perigos permanentes

Em relatório publicado pela comissão senatorial para as Forças Armadas do Congresso americano, destaca-se que, neste ano e meio, o Comando da Defesa Antiaérea da América do Norte, devido a erros técnicos, deu, por 151 vezes falsos alertas de ataques nucleares.

Os factos estão aí e demonstram bem o insano perigo que pende sobre os povos quando ao crescimento da potência armamentista se une uma política - que o alimenta - de fomento de um espírito de guerra-fria. Perigo que hoje mais se adensa com a nova doutrina nuclear dos Estados Unidos, dentro da concepção de que os EUA poderão sustentar uma guerra limitada com o emprego de armas nucleares táticas.

Nos últimos dias de Outubro cerca de 50 000 pessoas desfilaram em Londres para protestar contra as armas nucleares e, em particular, contra a decisão do governo de instalar na Grã-Bretanha, até 1983,

160 mísseis de cruzeiro norte-americanos, conforme a decisão do Nato de Dezembro. Em muitos cartazes afirmava-se: «Protestem e vivam». A manifestação foi brutalmente reprimida pela polícia.

Esta foi a maior manifestação, em Londres, desde os anos 60. No mesmo fim-de-semana realizaram-se manifestações pela paz, contra as armas nucleares, na Suécia, na Dinamarca, na Bélgica e na República Federal Alemã.

Também nos últimos dias de Outubro o presidente soviético Leonid Brejnev, propôs uma desmilitarização parcial das principais vias marítimas, para garantir a sua segurança, e particular no estreito de Ormuz, reafirmando o empenhamento da URSS no desanuviamento, no desarmamento nuclear na Europa e na ratificação pelos EUA dos acordos SALT-2.

Na comunidade socialista, na luta das massas trabalhadoras, das forças da paz, dos povos de todo o mundo contra a corrida ao armamento, está a garantia do triunfo do desanuviamento internacional. A Conferência de Madrid é - deve ser - um passo importante neste sentido.

Sessão pela Paz em Lisboa

Realizou-se em Lisboa, na Associação dos Deficientes das Forças Armadas, no dia 31 de Outubro, uma Sessão Comemorativa da Semana das Nações Unidas pelo Desarmamento. Reunião que reflecte o empenhamento das forças democráticas portuguesas na luta, vital, pela paz.

Nesta reunião foi aprovada uma Moção que, pela sua importância e significado, reproduzimos:

«Os Portugueses e Portuguesas participantes na sessão comemorativa da Semana das Nações Unidas pelo Desarmamento, promovida em 31 de Outubro de 1980 na Associação dos Deficientes das Forças Armadas, em Lisboa, pela Juventude Operária Católica, a União dos Residentes Antifascistas Portugueses, a Liga Operária Católica, o Movimento Democrático de Mulheres, o Conselho Português das Igrejas Cristãs, e a Associação para a Cooperação com as Nações Unidas em Portugal, a CGTP/Intersindical Nacional, o Conselho Português para a Paz e Cooperação, realizada com o apoio do Centro de Informação da ONU em Portugal e de numerosas associações e personalidades de diferentes correntes e ideologias e sob a presidência do general Costa Gomes;

- preocupados com o sério agravamento da tensão e dos conflitos internacionais, o recurso à força e à ameaça da força, a deterioração do desanuviamento, da segurança e cooperação na Europa e no Mundo e a ameaça crescente de eclosão de uma guerra nuclear à escala do globo;

- mas conscientes de que, passados mais de trinta anos após a Segunda Guerra Mundial, a opinião pública e os povos do mundo têm conseguido pela sua acção impedir o desencadear de uma nova hecatombe, não têm poupado esforços na luta pelo desanuviamento

e o desarmamento e podem nesta hora salvaguardar a Paz;

- denunciam e apelam à acção imediata contra os perigos agravados de uma guerra mundial atómica e termo-nuclear, decorrentes da acumulação dos arsenais de morte, da aceleração quantitativa e qualitativa da corrida aos armamentos, da escalada nuclear, da proliferação dos novos mísseis e outras armas de destruição massiva e em particular agora da «nova estratégia» de guerra nuclear ofensiva, pretensamente «limitada» ou «local» mas que conduzirá inevitavelmente ao holocausto nuclear generalizado e ao aniquilamento da humanidade e da civilização;

- rejeitam firmemente, e alertam a opinião pública nacional sobre os planos alarmantes de utilização do território português continental e insular, na sequência de negociações internacionais conduzidas à margem da opinião pública e comprometendo a independência nacional, para a instalação, estacionamento, armazenamento ou trânsito de mísseis ou qualquer arma, nuclear, nas bases estrangeiras já existentes ou noutras e em porta-aviões ou submarinos atómicos fundeados nos portos e águas territoriais portuguesas que fariam de Portugal alvo de guerra nuclear;

- e chamam todos os portugueses democratas e patriotas, das mais diversas opiniões e ideologias, a unirem-se na defesa da independência nacional e da continuidade de Portugal, a levantarem com vigor a sua voz, juntamente com os outros povos, contra a guerra fria e todos os planos insensatos que ameacem lançar a terra para o abismo nuclear, e a agirem enquanto é tempo pela cessação da nova escalada nuclear, por uma política de diálogo e negociação, de desanuviamento, desarmamento, Paz e amizade com todos os povos».

Vitória do Partido Trabalhista ou vitória do FMI na Jamaica?

A vitória do Partido Trabalhista da Jamaica - partido de direita, apoiado pelos Estados Unidos - nas eleições legislativas cujos resultados foram conhecidos este fim-de-semana, é um caso evidente e escandaloso de ingerência do FMI na política interna do país. Segundo o escrutínio preliminar, o Partido Trabalhista, dirigido por Edward Seaga, obteve 53,5 por cento dos votos e o Partido Nacional Popular, dirigido por Michael Manley, até agora primeiro-ministro da Jamaica, obteve 46,4 por cento dos votos.

Em termos de poder, estes resultados permitem à direita o acesso a cerca de 50 dos 60 lugares do Parlamento, a designação do primeiro-ministro e treze membros do Senado, sendo atribuídos oito à oposição. Em termos de futuro para o país - que terá sem dúvida algumas consequências na zona do mar das Caraíbas, onde a Jamaica se situa como uma das ilhas das Antilhas - as perspectivas são complexas para o povo da Jamaica. Importa destacar que, conforme escrevia recentemente a revista norte-americana «Covert Actions», Seaga, dirigente do Partido Trabalhista, agora no poder, «mais do que um simples agente da CIA na Jamaica, mantém contactos permanentes com vários activistas de extrema direita dos EUA, nomeadamente com o deputado direitista MacDonald».

O povo e as forças progressistas da Jamaica farão, a seu tempo, a análise dos factos e tirarão as conclusões adequadas. Desde já importa, entretanto, destacar a intervenção, a ingerência externa directa e indirecta nos acontecimentos, a sua responsabilidade na situação de crise económica e instabilidade política que está na origem dos actuais resultados eleitorais.

O (neste caso) insuspeito «Le Monde» afirmava, na véspera do acto eleitoral, ser este o «primeiro do mundo que foi praticamente provocado pelo Fundo Monetário Internacional, o primeiro em que a política desta organização pesará de uma forma decisiva».

Na verdade, a sucessão dos factos prova a sistemática ingerência externa, conducente à situação actual. Michael Manley, presidente do Partido Nacional do Povo, no poder até às eleições agora realizadas, foi eleito primeiro-ministro em 1972 e reeleito em 1976. A política seguida pelo Partido Trabalhista, filiado na Internacional Socialista, era uma política democrática, que se afirmava de «socialismo democrático», resultando em algumas importantes realizações de ordem social: redução para metade, da mortalidade infantil, educação gratuita, alfabetização dos adultos, estabelecimento de um salário mínimo, igualdade de situação (para as mulheres) criação

de conselhos municipais permitindo a activa participação da população na solução dos problemas da comunidade. Simultaneamente, foram tomadas algumas medidas de política económica, como uma reforma agrária, ainda que limitada (o principal recurso económico do país é a agricultura, em grande parte controlada pela multinacional norte-americana «United Fruit»), e a criação de uma associação internacional de produtores de baúxite.

A reacção do capital a estas medidas não se fez esperar. Os latifundiários ergueram a sua oposição ao governo. As multinacionais implantadas na Jamaica baixaram de imediato a sua produção no país, deslocando-se para outras zonas onde é mais fácil a exploração da mão-de-obra e das riquezas naturais. O peso do passado colonial, uma economia aberta às crises internacionais, agravaram extraordinariamente os problemas económicos internos.

Em 1974 o governo de Manley obteve pela primeira vez um empréstimo do FMI, que se repetiu em 1976 e 1977. Em 1978 o FMI tentou impor medidas altamente lesivas dos interesses nacionais - o saneamento económico à medida do capital: uma série de desvalorizações da moeda até atingir os 50 por cento, o congelamento salarial, o estabelecimento de condições que voltassem a dar ao sector privado o papel

predominante. Em 1979 o FMI impôs novas medidas: uma diminuição das despesas públicas que deveria conduzir ao despedimento de cerca de 20 por cento dos funcionários públicos, para além do corte de verbas de interesse social. O governo da Jamaica recusa, convocando eleições antecipadas. Como afirmou então M. Girvan, director da agência nacional de planificação, «aceitar as condições do FMI era pôr termo ao processo de reformas encetado (...) Não podemos aceitar medidas tendentes a reforçar o sector privado, ou seja os mesmos que se opõem a toda a modificação da ordem social existente».

Enquanto se sucediam estas exigências do FMI e o capital internacional retirava ao país bases de produção, degradando-se sucessivamente a situação económica, o Partido Trabalhista, hoje no poder, fomentava a violência nas ruas, os confrontos e atentados de que resultaram numerosas mortes, à imagem, aliás, do que já tinha acontecido no decorrer das anteriores eleições.

Os resultados estão à vista. Para além naturalmente de outras questões que competirá exclusivamente ao povo e às forças progressistas da Jamaica estudar e encarar, os factos indicam que o que agora se passou na Jamaica é um caso exemplar das consequências da ingerência do FMI.

RFA, crescimento zero

As previsões económicas dos especialistas da RFA (aliás coincidentes, nas suas linhas gerais, com as do ministério da Economia), são francamente pessimistas. Assim, de acordo com os cinco principais institutos económicos (Berlim, Hamburgo, Munich, Kiel e Essen), o ano de 1981 será marcado por um crescimento zero e por um aumento do número de desempregados, que deverá atingir os 1,1 milhões de pessoas, passando assim de 4 para 5 por cento da população activa.

Estas perspectivas assentam numa política patronal de imposição de facto de um tecto para os aumentos salariais não ultrapassando os 5 por cento, o que apenas cobrirá os aumentos de custo de vida previstos, previsões que, como sabemos, falham normalmente por defeito. Os especialistas de economia do capital condenam entretanto todas as reivindicações tendentes a investimentos públicos destinados a combater o desemprego. A nível oficial há unanimidade - apesar das divergências de critério - quanto a uma política de «apertar o cinto».

Os factos são tanto mais significativos quando se reportam à RFA, um país que pelo seu potencial económico se pode dizer que lidera a CEE, um país que foi financiado pelo capitalismo internacional para funcionar como uma montra do capitalismo desenvolvido. E a montra não pode deixar de reflectir a crise global que lava no sistema. Os dados referentes à RFA repetem-se nos outros países da CEE, muitas vezes ainda agravados.

Por exemplo, o crescimento zero previsto para a RFA tem, para além de outras, uma consequência grave - o agravamento do desemprego. Este agravamento do desemprego constitui neste momento uma tónica da situação socioeconómica da totalidade dos países capitalistas desenvolvidos. Na Comunidade Económica Europeia (CEE) o número de desempregados ultrapassou, pela primeira vez, os sete milhões de pessoas (isto em Setembro). De acordo com as estatísticas da CEE, o aumento da taxa de desemprego durante o mês de Setembro foi de 6,5 - ou seja, o dobro do índice registado em Agosto. Mas não se trata de um mês especial; só nos últimos 4 meses perderam o emprego cerca de um milhão de pessoas. E isto apesar da notável resistência dos trabalhadores que, em alguns casos, se saldou pelo menos em vitórias parciais. Os próprios documentos da CEE destacam «uma notável deterioração das condições no mercado do trabalho».

A crise reflecte-se também num constante agravamento da inflação e dos preços dos produtos de primeira necessidade. Para a CEE os preços no consumidor devem aumentar perto de 19 por cento em 1980, contra 7,5 por cento em 1978. No decorrer desta década assistiu-se aliás ao que se pode qualificar de subida incontrolada dos preços. Os preços mundiais por grosso aumentaram mais de 3,5 vezes (contra 9,1 por cento entre 1961 e 1970) e os produtos alimentares 3,6 vezes (contra 18 por cento em 1961-70). Desde o início do ano os preços, nos países da CEE, acusaram uma subida de 21,5 por cento. Um quadro pouco atraente da parcela da Europa em que nos queremos integrar como pretensa única alternativa.

Sionistas avançam à sombra da guerra



Begin e Sadat, o sorriso da traição.

Milhares de mortos, a destruição sistemática dos meios de produção da maior riqueza do Irão e do Iraque - o petróleo (cerca de 90 por cento da entrada de divisas) - são a constante de uma guerra que parece arrastar-se para já sem perspectivas de uma solução negociada. Os combates em curso destruíram parcialmente os oleodutos principais e as refinarias de Abadan, Teerão, Bagdad e Basra, as estações elevatórias e terminais petrolíferos em Abadan, na ilha de Khark e em Fao numerosos reservatórios de petróleo. As exportações de petróleo cessaram inteiramente de ambos os lados. Desde já ressalta uma perda assinalável em vidas e bens materiais tanto para o Irão como para o Iraque, projectando dificuldades para o seu futuro. Entretanto os factos demonstram que os únicos que podem ganhar com esta guerra, com o enfraquecimento mútuo de dois importantes países da zona, a quebrada solidariedade árabe contra o sionismo, já o estão a aproveitar.

Nos últimos dias de Outubro a situação no Líbano sofreu um brusco agravamento. Primeiro a anexação por Israel de uma faixa de 5 quilómetros quadrados no Sul do país, que foi delimitada com uma cerca. Já anteriormente tinha sido prevista a possibilidade de um ataque em grande escala aos campos de refugiados palestinianos, aproveitando a actual situação criada na zona com a guerra do Golfo. A esta ocupação seguiu-se o controlo, por parte das milícias do Partido Falangista (extrema-direita), da parte

cristã de Beirute Oriental, depois de uma batalha de rua - em que curiosamente o Exército se manteve «neutro» - que originou uma crise governamental no país.

Enquanto Israel, com o activo apoio de forças paramilitares da extrema-direita libanesa, ocupa posições no Líbano, os EUA, que formalmente condenam tal política, decidiram aumentar para 1400 milhões de dólares (70 milhões de contos) a sua ajuda militar a Israel, para além de uma verba de 800 milhões de dólares (40 milhões de contos) para ajuda económica. Na verdade, ainda que nas cláusulas do acordo entre os dois países as armas norte-americanas só possam ser utilizadas em operações de autodefesa, caças norte-americanos «Phantoms» atacaram, em fins de Outubro, a base palestiniana de Ein Dorfil.

Simultaneamente, e utilizando a divisão entre árabes gerada pela guerra entre o Iraque e o Irão, ensaia-se uma reactivação da aliança entre Israel e Egipto, apadrinhada pela Casa Branca. Para Sadat, Israel e o Egipto podem lançar «a pedra angular de uma reconciliação entre os palestinianos e os israelitas». Para o presidente israelita, Navron, o Egipto e Israel constituem «esta região cheia de vulções, uma ilha de estabilidade e bom senso». Palavras que encobrem de facto uma situação em que se tenta afatar o mais possível o Médio Oriente da solução para os seus problemas fulcrais, em particular o problema palestiniano.



Antonio Maidana

Onde estão Maidana e Roa?

Continua a ignorar-se o paradeiro de Antonio Maidana, secretário-geral do Partido Comunista do Paraguai e Emilio Roa, membro da direcção deste partido. Um facto que sublinha, uma vez mais, o carácter profundamente desumano do que é uma verdadeira instituição nos países fascistas e reaccionários da América Latina - os «desaparecidos».

A agravar ainda esta situação, a notícia divulgada do possível assassinato dos dois

dirigentes comunistas paraguaios não foi desmentida nem na Argentina nem no Paraguai. Antonio Maidana e Emilio Roa foram presos em Buenos Aires, capital da Argentina, em 27 de Agosto. Sem que os familiares tenham sido informados. É a velha técnica do desaparecimento, que pode dar cobertura - e dá - mesmo a assassinos. Por outro lado, uma vez mais ressalta a colaboração entre as polícias dos diversos países desta zona, com carácter reaccionário ou

fascista. Como factos incontestáveis o demonstram e tem vindo a ser denunciado, não apenas por familiares e amigos das vítimas, mas também por entidades como a Cruz Vermelha e a Amnistia Internacional, e pelos partidos comunistas e organizações progressistas - está estabelecido na América Latina um sistema internacional de perseguição de militantes políticos, sistema que actualmente cobre a Argentina, o Chile, o Uruguai, o Paraguai, o Brasil,

o Peru. Exemplos não faltam. Hoje são irrefutáveis as provas de que os parlamentares uruguaios e dirigentes da oposição Zelmair Michelini e Héctor Gutiérrez Ruiz, exilados em Buenos Aires, foram assassinados por agentes da repressão uruguia com o apoio do aparelho repressivo da Argentina. Também nos casos do general Carlos Prats, do Chile, e Juan José Torres, ex-presidente da Bolívia, denunciou-se a colaboração dos agentes repressivos dos diversos países,

inclusive da Argentina, no seu assassinato.

A denúncia dos casos de Maidana e Roa, a insistência internacional para que as autoridades argentinas digam qual o seu actual paradeiro, surge como uma necessidade imperiosa, quer para salvar as vidas de Maidana e Roa, quer para levantar uma barreira a um sistema internacional de repressão e assassinato.

# O necessário empenhamento do Partido na preparação da campanha eleitoral para derrotar o candidato da reacção

Decorrido pouco mais de uma semana após a realização da Conferência Nacional do PCP, ganha amplitude a mobilização dos militantes e de todo o Partido na discussão e análise da Resolução aprovada na referida Conferência sobre as eleições presidenciais que se avizinham.

Com efeito, um pouco por toda a parte se sucedem as reuniões, os plenários, as sessões de esclarecimento e disso damos conta mais adiante em detalhe.

Contudo, esta mobilização que já se faz sentir, deve ser alargada ainda mais, de modo a que todo o militante seja tocado, o mais afastado simpatizante do Partido não deixe de tomar contacto com as propostas apresentadas pelo PCP para enfrentar a situação política que se avizinha e para que todos os democratas e antifascistas compreendam e colaborem na concretização do objectivo definido pela Conferência — derrotar o general reaccionário Soares Carneiro, candidato às eleições presidenciais com a chancela da "AD".

A candidatura do camarada Carlos Brito apresentada pelo PCP vem, desde já, pôr a necessidade de se preparar a campanha eleitoral.

Tendo em conta a anterior campanha para as eleições legislativas não se pode considerar que seja uma tarefa difícil, embora no caso presente a campanha apresente características diferentes.

No entanto, toda uma organização que ainda há poucas semanas funcionou exaustivamente (e bem) para a campanha eleitoral pode colher dessa experiência os muitos aspectos positivos e pô-los em prática. É o que começa a suceder um pouco por todas as Organizações Regionais do Partido. Definem-se directivas, estudam-se

iniciativas, tudo com base no que vai ser a campanha eleitoral e tendo em conta os objectivos eleitorais já definidos.

E como vai ser a campanha? Essencialmente, é uma campanha de esclarecimento, tanto mais necessária quanto nos últimos tempos certos acontecimentos, não inocentemente provocados, confundiram o eleitorado de esquerda, o eleitorado democrático, numa acção que no imediato visa favorecer a vitória do general fascista Soares Carneiro.

Como campanha de esclarecimento o PCP utilizará os meios de comunicação, garantidos por lei. Mas outras formas de esclarecimento político serão utilizadas, como sejam os comícios e as sessões, as visitas às empresas e a outros locais de trabalho e de grande concentração de pessoas.

Prevê-se igualmente que o camarada Carlos Brito se destacará, praticamente, a todas as capitais de distrito e ainda a outras localidades que as Organizações Regionais do PCP vierem a sugerir.

Mas não se pense, em face disto, que será uma campanha personalizada do candidato. Não é essa a intenção e como ficou bem explícito na Conferência todo o Partido se vai empenhar nesta campanha de esclarecimento.

Como salienta a Resolução da Conferência, "o momento que vivemos é de sérios perigos para a democracia portuguesa. É possível combatê-los com êxito. Mas a situação exige que todos ganhem consciência desses perigos." Todos os que não querem uma nova ditadura devem unir os seus esforços para impedir a vitória de Soares Carneiro.

Nesta luta todo o Partido tem de se empenhar.



## O trabalho desenvolvido e a desenvolver nas Organizações Regionais

Na sequência da reunião da Conferência Nacional e a poucas semanas do início da campanha eleitoral para as eleições presidenciais, são já em número significativo as reuniões e debates que, um pouco por todo o lado, se vão realizando no âmbito da organização do Partido.

Do que se tem passado e do que se projecta para os próximos dias, damos a seguir um breve panorama.

### Minho

Em Braga e em Viana do Castelo, já se realizaram reuniões de militantes em quase todos os concelhos destes dois distritos da região minhota, onde foram discutidas e analisadas as conclusões saídas da Conferência Nacional do Partido. No prosseguimento do trabalho preparado pelos comunistas da Organização Regional do Minho, simultaneamente debatendo as conclusões e mobilizando os militantes para o esclarecimento que vai ser a campanha do PCP, estão já previstos, para sábado, uma reunião de quadros em Viana do Castelo e, para domingo, outra reunião em Braga, depois da qual se realizará um magusto.

### Beira Interior

Também nesta Organização Regional do Partido, onde sobressai a zona industrial da Covilhã, não deixaram de ser analisadas e discutidas as conclusões da Conferência Nacional do Partido. Com este fim, realizaram-se nos últimos dias plenários em Tortosendo e Bemquerença, esta última no concelho de Penamacor. A reunião da Comissão Concelhia de Manteigas, por seu turno, foi alargada aos militantes locais. Houve também uma reunião plenária da célula da Portucel (Centro de Exploração do Ródão) com o mesmo objectivo. Entretanto, está já marcada para o próximo dia 8, no Centro de Trabalho da Covilhã, uma reunião com militantes do Partido, simpatizantes e outros democratas a fim de se debater a presente situação política e as eleições presidenciais. Participará na reunião o camarada Carlos Pinhão, membro do CC do PCP. Idêntica reunião vai-se realizar por seu turno no Centro de Trabalho de Castelo Branco, com o camarada Armando Morais, membro do CC do PCP. Estão previstas reuniões semelhantes no Fundão, Idanha-a-Nova e Vila Velha de Ródão.

### Santarém

A Conferência Nacional do Partido foi também, nesta Organização Regional, motivo para uma campanha de debate e análise das conclusões obtidas. Neste sentido muitas foram as pequenas reuniões até agora efectuadas. Como iniciativas maiores é de salientar a sessão de esclarecimento que decorreu em Alpiarça, no passado dia 30 de Outubro, com o camarada Octávio Teixeira, na Casa do Povo local, e que reuniu cerca de 500 pessoas, entre militantes e simpatizantes. Também no dia 1 de Novembro, um almoço-convívio, que juntou 170 pessoas, contou com a presença do camarada Vital Moreira, que no final faria uma intervenção política. Entretanto, no pavilhão do PCP na Feira dos Santos, no Cartaxo, que começou no dia 1 deste mês, têm sido profundamente distribuídas as conclusões da Conferência Nacional do Partido.

### Lisboa

Logo no dia seguinte à Conferência Nacional do Partido, muitas reuniões de organismos e plenários de militantes começaram a ter lugar em todo o distrito, envolvendo a participação de muitas camaradas — algumas reuniões contando com centenas de participantes que fizeram um balanço das conclusões e se debruçaram com entusiasmo sobre as tarefas que o Partido coloca no actual momento político.

Uma apreciação geral das reuniões levadas a efeito, onde foram nota com intervenções de elevado nível político, salienta a grande satisfação dos militantes pela realização da Conferência e seus resultados que, afinal, surgiram na sequência do largo

sentido de encontrar as melhores formas de promover uma grande mobilização. A partir mesmo das reuniões já havidas, há já uma vasta programação de outras, ao mesmo tempo que se preparam sessões de esclarecimento, no sentido de levar para fora do Partido as conclusões saídas da Conferência.

### Setúbal

A boa receptividade à decisões da Conferência e a discussão viva que sobre a mesma se estabeleceu em todo o distrito são os traços marcantes do amplo trabalho que tem sido realizado. Em Almada, por exemplo, para além do funcionamento normal da organização, houve já sete plenários com a participação de 450 camaradas, dedicados ao debate.

continuar nos próximos dias as reuniões e plenários sectoriais e por localidade.

### Algarve

No Algarve já se realizaram quatro plenários de organização após a Conferência nos concelhos de Faro, Lagos, Vila Real de Santo António e em Quarteira, freguesia do concelho de Loulé. No próximo fim-de-semana vão ter lugar outros plenários, desta vez em Olhão, Albufeira, Portimão, Vila do Bispo, Castro Marim, Alcoutim, Aljezur e nas freguesias de Odeixe, Odeixe e Sagres. Dois traços importantes podem ser apontados como característicos das reuniões já realizadas.

O primeiro diz respeito à concordância geral com as decisões da Conferência quanto à apresentação de um candidato do PCP, correspondendo à preocupação sentida pelos militantes. O segundo traço característico verificou-se no tocante à preocupação dos camaradas face à tendência abstencionista que se nota em sectores democráticos

quais participou o camarada José Decq Mota, suplente do CC, que esteve presente na Conferência Nacional do Partido. O resultado dos plenários demonstrou o pleno acordo da organização à candidatura do camarada Carlos Brito e em geral quanto às conclusões da Conferência, avançando-se já alguns nomes que reforçaram o apoio à candidatura comunista.

Entretanto, em reunião da DORAA anteriormente realizada, os camaradas analisaram a situação política, a nível nacional e regional, apontando as tarefas imediatas da organização: a melhor estruturação orgânica do Partido, o reforço do movimento democrático, aprofundando a unidade entre comunistas, socialistas e outros democratas, o acompanhamento do trabalho sindical, do trabalho no campo e dos eleitos das autarquias, apontando ainda a necessidade de desenvolver a actividade em defesa da Paz, na particular situação dos Açores que a reacção e o imperialismo pretendem transformar em base de guerra. Marcam-se desde já muitas

eleições e para combater o divisionismo de Otelo e de Aires Rodrigues, apoiados nos Açores por alguns grupos esquerdistas. A candidatura do PCP surge ainda como possibilidade de aprofundar a unidade de muitos democratas em torno do Partido.

### Madeira

A seguir à Conferência realizou-se no Funchal, no passado dia 30, uma reunião em que foram debatidas as conclusões da Conferência Nacional do Partido. Depois de longo debate em que muitos militantes tomaram parte e de muitas questões levantadas à volta do resultado da Conferência, foi manifesto o acordo das camaradas quanto às conclusões aprovadas. Já reuniu também na Madeira o Organismo de Direcção da Construção Civil e, no sábado passado, realizou-se ainda a reunião da Direcção da Organização da Região Autónoma da Madeira cujo principal ponto de ordem de trabalhos foi precisamente a discussão das conclusões da Conferência, com as quais o organismo concordou,

manifestando a firme disposição de as levar à prática.

É ponto assente, na Madeira como em todo o país, a necessidade de derrotar a candidatura reaccionária de Soares Carneiro, considerando-se a candidatura lançada pelo PCP como um forte contributo para o esclarecimento e o debate necessários.

Foi ainda analisada pela DORAM a situação decorrente das últimas posições tomadas pelo auto-suspenso secretário-geral do PS, Mário Soares, posições a que os órgãos de comunicação locais estão a dar grande realce, tendo já a TV transmitido partes da sua entrevista na RTP e preparando-se para a transmitir na íntegra. A DORAM considerou graves as posições de Mário Soares e necessário dar-lhes combate político, nomeadamente desmascarando a imagem de esquerda que aquele político pretendeu dar de si mesmo,

devendo os comunistas da Madeira contribuir para que Sá Carneiro não possa no final da campanha dizer que foi muito ajudado por Mário Soares, como já disse Alberto João Jardim após

os resultados das eleições de 5 de Outubro.

Na sua deslocação à Madeira, com efeito, Mário Soares dizia que era preciso resolver a situação de miséria do ilhéu de Câmara de Lobos porque tal situação levava à germinação de comunistas, ficando claro para os comunistas que o dirigente do PS se preocupava não em resolver os problemas para criar melhores condições de vida para o povo, mas apenas em impedir que o povo se aproximasse dos comunistas.

No decurso dos próximos dias prevêem-se várias reuniões com militantes do Partido em todos os concelhos e sectores e, paralelamente programam-se outras reuniões, estas abertas à participação de simpatizantes e amigos, de modo a lançar uma campanha de esclarecimento e o reforço do trabalho unitário. Para esta semana está prevista ainda uma Conferência de Imprensa. Entretanto, o deputado da APU à Assembleia Regional, Mário Aguiar, foi já anunciado como um dos apoiantes da candidatura do camarada Carlos Brito.



Nos grandes e nos pequenos debates, no seio do Partido e em contacto com as massas, os comunistas analisam as situações, definem os objectivos e estudam as formas de os levar à prática. Aproximam-se as eleições presidenciais e os objectivos estão definidos, o principal dos quais é derrotar o candidato da reacção. Trata-se, agora, de planejar a campanha, de modo a que tal objectivo seja alcançado!

debate anteriormente havido e traduzem as aspirações do conjunto dos camaradas. Manifestou-se, desde os primeiros dias de reuniões, um grande interesse pela campanha eleitoral que se aproxima, concretizado no avançar de ideias para a prática. Uma das preocupações mais fortemente mostrada no decorrer dos debates, foi a de se poder vir a difundir rapidamente a questão de a candidatura comunista ir ou não até às urnas e, no caso de não se apresentar à votação, qual a posição ou posições que o PCP adoptará. Outra das ideias mais salientes foi a que demonstrou a necessidade de um grande combate ao abstencionismo, avançando os intervenientes no debate algumas propostas no

Os problemas levantados pela actual situação política e pelos graves problemas que se colocam aos comunistas, tem feito crescer a participação na vida do Partido, apontando os militantes, em diversas reuniões, a necessidade do reforço orgânico do PCP, nomeadamente nas células de empresa.

### Alentejo

Lançando uma ampla discussão sobre os problemas da situação política actual, o Partido tem promovido na região do Alentejo, muitas reuniões e plenários em que se debatem as conclusões da Conferência. Registam-se reacções positivas quanto às conclusões e vão

e antifascistas. Neste sentido aparecem muitas sugestões que mostram a necessidade de desenvolver um amplo esclarecimento do objectivo de mobilizar esta parte importante do eleitorado.

Muitos camaradas acentuaram entretanto a importância de o Partido clarificar a sua posição quanto à atitude a tomar em relação à 1.ª volta das eleições, pois consideram haver muita gente que a subestima pensando que o mais importante se vai centrar na 2.ª volta.

### Açores

Realizaram-se na região dos Açores três plenários de militantes — em Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta — em dois dos

sessões de esclarecimento à volta das conclusões da Conferência Nacional do PCP. Nos Açores, onde a candidatura reaccionária de Soares Carneiro é mal aceite nos círculos onde este candidato é conhecido e praticamente desconhecido entre a maior parte da população, e onde se regista um apoio a nível geral

à candidatura do actual Presidente da República — que se deslocou à região, recentemente, para fazer a entrega do estatuto de autonomia e também esteve presente logo a seguir ao sismo que abalou algumas ilhas no primeiro dia do ano a candidatura de Carlos Brito é entendida pela organização como necessária para esclarecer as posições do PCP quanto a estas

